



Universiteit  
Leiden  
The Netherlands

## **Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo**

Rompay-Bartels, I.M.M. van

### **Citation**

Rompay-Bartels, I. M. M. van. (2015, February 26). *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo*. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Version: Corrected Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/32077>

**Note:** To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/32077> holds various files of this Leiden University dissertation.

**Author:** Van Rompay-Bartels, Ingrid Monique Maria

**Title:** Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão

**Issue Date:** 2015-02-26

## Capítulo 4

### As questões familiares dentro da migração de “retorno”

No presente capítulo são apresentados de forma qualitativa a formação e as escolhas das famílias dos imigrantes nipo-brasileiros envolvidos no “retorno”. Para tanto, analisa-se e compara-se aspectos que fazem parte da vida cotidiana e peculiar das diferentes famílias dos estudos de caso a partir do nascimento dos filhos. Através desta perspectiva investiga-se quais são os fatores, que levam os imigrantes a prolongar a estada, abordando-se as necessidades, as possibilidades e os dilemas com relação às escolhas que os influenciam, muitas vezes, a repensarem sobre o regresso para o Brasil. Um quadro que envolve paralelamente o futuro da segunda geração de imigrantes. Assim, averigua-se, em particular, como o senso da construção da identidade dos filhos dos imigrantes se desenvolvem dentro e fora do contexto de suas famílias sob a ótica da diversidade dessa segunda geração, que é marcada por fortes contrastes étnico-culturais.

Análises que são abordadas ao lado de indícios que mostram simultaneamente o interesse e a percepção dos japoneses com relação à migração de “retorno”. Por fim, argumenta-se quais são de fato as práticas transnacionais mantidas por estas famílias nipo-brasileiras dentro do fenômeno da migração de “retorno”.

#### 4.1 A escolha do parceiro

Quanto ao quadro das famílias de imigrantes entende-se que a maioria é *nisei* ou *sansei*, havendo três casos de cônjuges, sem a descendência japonesa. Geralmente, esses são os casais dos matrimônios realizados no Brasil.<sup>92</sup>

De forma geral, nota-se em Kandatsu e redondezas a predominância do casamento endógamo entre os nipo-brasileiros, apesar de se observar que não são raros os casamentos de nipo-brasileiros com japoneses natos. Inclusive, no quadro de algumas famílias dos estudos de casos compreende-se que há casos de irmãos/irmãs, que se casaram com japoneses e que

---

<sup>92</sup> Três famílias do estudo de caso são formadas por cônjuges brasileiros sem descendência japonesa. Esses casos foram integrado na seleção das famílias do estudo de caso por refletirem uma heterogeneidade que faz jus a migração de “retorno”, onde uma parte dos imigrantes não possui a descendência japonesa. Um fato que se constata, de forma geral, na literatura em torno do “retorno” dos nipo-brasileiros assim como na lei japonesa, onde esses cônjuges também possuem o direito do visto para viver e trabalhar no Japão.

vivem e trabalham em uma outra região no Japão, entretanto, percebe-se que essa incidência é proporcionalmente mais baixa em comparação com o matrimônio entre os *nikkei*. De forma similar pode-se dizer em comparação com os nipo-peruanos, que entre eles também predomina o casamento endógamo, por valorizarem a identidade de serem *nikkei* (Takenaka, 2003: 450).

Quanto à escolha do parceiro, ilustra-se o seguinte exemplo:

Sra. Ema:

A minha mãe sempre falou depois dela ter se separado, que era pra gente não casar com japonês, mas...eu casei com Hugo, que é descendente de japonês... (risos)...e até na família do meu marido todos os dois irmãos são casados com nipo-brasileiras, e o meu irmão casou aqui no Japão com japonesa, com japonesa mesmo...e já até tem um filho...O meu pai hoje dia também tem uma outra família, ele recasou aqui no Japão e agora ele tem um casal de filhos também com uma nipo-brasileira.

Inconscientemente, ao refletirem sobre a escolha do parceiro, a maioria dos informantes cita situações, que mostram a tendência da escolha na família ser voltada ao casamento endógamo. Tal questão pode estar associada aos vínculos que esses imigrantes têm e mantêm entre si. Um contexto onde as identificações com o grupo étnico refletem também um determinado posicionamento ou preferência da própria orientação que se tem de identidade como indivíduo. Todavia, isso não implica dizer que se constate apenas o casamento endógamo entre os nipo-brasileiros nessa área, dado que o casamento com cônjuge sem a descendência japonesa é um fato.<sup>93</sup> Como é o caso da seguinte família:

Sr. Tetsuji:

Eu sempre namorei no Brasil com descendente, na verdade em casa sempre se falou assim da diferença de mentalidade, da maneira como a gente é criado, ah...no nosso caso, a gente frequentou a escola japonesa nos sábados no Brasil, fez *undokai* (evento informal de atletismo associado a cultura japonesa), essas coisas...e vive assim nesse grupinho...então a gente também trás em casa a namorada que a gente sabe que os pais vão aceitar, mas...a ironia na vida é que... eu acabei casando com brasileira (sem descendência japonesa) no Brasil... umh...mas... ah... os velhos tiveram que aceitar né...vão fazer o quê?

Para Tetsuji o fato de se ter casado com Dalila, que é brasileira sem descendência japonesa, foi uma questão delicada e inesperada dentro da sua família. Isso mostra a orientação dos seus pais japoneses em torno da escolha do parceiro dos filhos. Com exceção de Tetsuji, compreende-se que as suas duas irmãs e irmão são casados com descendentes de japoneses.

---

<sup>93</sup> A amostra das famílias selecionadas é heterogênea, exatamente, por se buscar fatos, acontecimentos ou incidentes, que correspondam a diversidade das famílias de imigrantes.

São nessas abordagens que se observa, que ainda predomina entre muitas famílias nipo-brasileiras, uma orientação voltada ao casamento *nikkei*. Uma mentalidade baseada na imagem de que possuem normas e valores diferentes dos brasileiros sem descendência japonesa. São essas atitudes, que mostram a associação com a identidade japonesa mantida no Brasil de que são também “japoneses”.

Sra. Silvana Yamada:

A minha mãe sempre quis que eu me casasse com japonês...eu não sei como é com os outros, mas lá em casa, a gente não podia ter namorado brasileiro, tinha que ser japonês, quer dizer...isso sempre foi esperado da gente... aqui no Japão, eu conheci meu marido, ele é *nisei* ...brasileiro.

De forma geral, torna-se claro nos trechos das entrevistas acima, a influência dos pais no processo de construção da identidade japonesa que se tem e mantém no Brasil. De forma similar constata-se nos dados, que essa percepção é mais comum entre as famílias de imigrantes, que possuem os pais japoneses ou *nisei*. Essa orientação está ligada à associação positiva que se tem da imagem dos “japoneses” no Brasil, como sendo pessoas que possuem sucesso na sociedade brasileira por terem normas e valores diferentes. Assim, é comum notar a preferência e expectativa dos imigrantes e descendentes de japoneses no Brasil pelo casamento endógamo dos filhos. Em virtude desse aspecto, tem-se uma orientação voltada a esse grupo étnico no Brasil. Interpreto como étnico nesta abordagem o fato de terem a mesma origem ancestral, possuindo assim o senso de que possuem determinadas normas e valores em comum.

No entanto, uma vez no Japão, esses imigrantes notam com a mudança de contexto, que o posicionamento do que é ser “japonês” não é mais lógico nas suas falas. A identidade passa então a oscilar entre ser *nikkei* ou brasileiro. Construções identitárias que são comuns entre os imigrantes, que não possuem uma origem única. Esse paradoxo é um dos resultados de como a experiência migratória do “retorno” afeta na construção dinâmica da identidade que se supõem ter no Brasil de se ser “japonês”. Uma percepção, que é também transmitida e mantida no ambiente familiar por muitos dos imigrantes e descendentes de japoneses. Assim, o “retorno” passa a ser para os migrantes um processo de reflexão em relação aos elementos que compõem a própria identidade. São exatamente os elementos que compõem essa identidade que mostram a oscilação entre ser nipo e brasileiro. Apesar das afiliações com

ambas identidades observa-se paralelamente que os laços sociais com os outros imigrantes nipo-brasileiros e japoneses são esporádicos.

## 4.2 Amizade

Sob essa perspectiva nota-se que a interação social dos nipo-brasileiros com os japoneses e entre eles mesmos é limitada, além de se restringir de forma geral ao ambiente de trabalho. Exceções são por exemplo as partidas de futebol organizadas entre os colegas ou conhecidos aos sábados à noite, as ocasiões familiares, como festas de aniversário de conhecidos ou parentes, que moram nas redondezas e festas japonesas quando são comemoradas através do trabalho. Quanto às mulheres, observa-se que, com exceção das que se reúnem no estabelecimento brasileiro, elas mantêm uma atitude mais reservada e voltada a família.

Em decorrência dessa falta de interação social, constata-se que a maior parte dos informantes expõe a questão da “solidão” no Japão. Aliás, chama a atenção o fato da palavra amigo ou amizade não ser quase mencionada por eles. Assim, ao me referir a esse tópico, nota-se de forma generalizada, omissões na fala ou mesmo reações como a de Celinha: “...amigos... assim, não...a gente conhece assim muita gente, mas amigo não...agora tem o pessoal da igreja (Evangélica)...que é japonês, mas também tem brasileiro...”. Observa-se entre esses imigrantes são de forma geral mais reservados. Esse isolamento é provavelmente o resultado da falta de tempo livre, e do cansaço proveniente da vida agitada dividida entre as longas jornadas de trabalho e os afazeres da família. Uma situação difícil, principalmente, ao se levar em conta que muitos estão livres apenas nos domingos. Segundo os informantes, a competição, a desconfiança e a inveja que existe entre os conterrâneos nipo-brasileiros, que estão continuamente em busca de trabalhos melhores é um dos motivos por trás dessa situação.

Ora, quem são então as pessoas que frequentam as casas dessas famílias de imigrantes? Ao refletir sobre essa questão, Kimi explica:

É só o pessoal que vem aqui é quem trabalha com ele... mas não é todo mundo não. O pessoal de Belém ou de Castanhal que vem aqui, que já conhece desde antigamente. Mas, também não é todo mundo não. E geralmente é o pessoal que tem família ou é casado, que a gente conhece e que convida a gente também. Mas, esse pessoal só vem quando tem festa. Quando eles ligam atrás dele, eu atendo e passo o telefone logo pra ele...Agora no meu caso...não, eu não tenho amigos aqui. Amigo aqui é uma coisa difícil. A gente fala com as pessoas, mas amizade, amizade...não. Eu não sei se dá pra confiar nos outros aqui não. Talvez por causa do trabalho, porque tem muita gente que faz assim olho grande quando a gente consegue algo, é muita inveja e competição...

A experiência da vida no Japão reflete um ambiente em que muitos imigrantes se voltam apenas para as suas famílias. Um aspecto que se nota é que a vida pessoal não é um assunto que se trate abertamente. Confirmando esse cenário:

Sr. Nori:

Não... A gente cumprimenta, mas não é de falar assim com o pessoal não... bom, a gente tem esse pessoal com quem a gente se dá bem, com quem a gente joga bola, vai para o aniversário, mas amigo assim, com quem a gente trabalha e se dá bem, não, não é assim...de falar as coisas pessoais.

Sr. Koji também menciona essa situação, ao comentar:

Amigo? Eu acho que amigo mesmo...eu acho que... aqui a rotina de trabalho da gente é pesada e quando chega o final de semana a gente quer ficar em casa tranquilo, quer sair para almoçar, e ficar com a família... não é que a gente não conheça o pessoal... assim a gente vai pra uma festinha ou outra... o negócio é que aqui cada um tá na sua.

Quanto às relações sociais predomina os contatos entre os próprios imigrantes nipo-brasileiros. Apesar de ficar claro que essas relações são geralmente superficiais.

Sra. Ema:

Amizade...uhm..contato assim...é mais na fábrica...fora não tem. Agora que eu sou mãe e eu conheço outras pessoas ...a gente comenta assim as coisas... Eu não sei se é um problema meu...é que eu não sei se eu posso confiar... A gente fica com medo de falar da gente. Eu não sei se a gente pode se abrir mesmo para a outra pessoa. ...talvez a gente não queira falar para não ouvir se a gente está certa ou errada. Da época que eu trabalhei numa outra fábrica...tinha umas três colegas que eu tento não esquecer. De vez em quando...pelo e-mail ou também pelo telefone a gente se comunica...todas são *nikkei*, uma é de São Paulo capital, a outra é do interior, e mais umas outras duas...uma de Sorocaba e a outra é de Santa Catarina.

Observa-se entre os imigrantes que já estão vivendo e trabalhando há anos no Japão, que eles agem com uma determinada prudência com relação às amizades, que geralmente são restritas aos conhecidos antigos. Em alguns casos são conhecidos da época que viviam no Brasil, os quais eles passam a reencontrar no Japão. Ou seja, na maior parte dos casos esses contatos são esporádicos.

Um quadro similar observa-se entre os cônjuges sem descendência japonesa, apesar de serem os informantes mais acessíveis e extrovertidos.

Sra. Shirlyana:

Amigos, amigos... não, a gente tem muito conhecido...assim da loja, que a gente cumprimenta, o pessoal chega aqui para comprar uma coisinha e sempre fica um pouquinho batendo papo,

mas amigo, não... talvez seja porque a gente está aqui sempre trabalhando pensando no futuro e quando chega no domingo só quer descansar...a vida passa aqui é a gente nem se dá conta, porque aqui a gente só fica trabalhando.

Ao todo pode-se dizer que predomina entre esses imigrantes características voltadas ao individualismo. O receio de se fazer novas amizades reflete por um lado, o ambiente competitivo e pesado, que se cria em torno do trabalho, por outro lado, entende-se também que resta pouco tempo livre para eles descansarem e para curtirem a família. Assim, é comum notar que o tempo livre nos domingos ou finais de semana é em função dos filhos.

### **4.3 O quadro das famílias e a orientação perante o futuro dos filhos**

Com relação ao local de nascimento dos filhos há nesta pesquisa três casos em que o primogênito nasceu no Brasil. Em dois desses três casos as crianças já estavam frequentando a escola brasileira na época em que emigraram, por estarem com respectivamente 13 e 8 anos de idade. No outro caso se tratava ainda de um bebê de colo. Já, nas outras oito famílias o nascimento dos filhos foi no Japão.<sup>94</sup> Tendo em vista esses aspectos, trata-se em seguida como o processo da orientação familiar e educacional tomou forma para essas famílias no Japão.

#### **4.3.1 A escolha do idioma em casa**

A língua materna dos imigrantes nipo-brasileiros é o idioma português, porém há exceções de pais que são bilíngues como é o caso dos *nisei*.

Naturalmente, através do processo dinâmico da migração nota-se que há também os que aprenderem a falar o idioma japonês no Japão, embora não se possa generalizar esse fato. Em geral, compreende-se que os imigrantes não abandonam a língua de origem, mesmo que aprendam um outro idioma, como se vê nos resultados das pesquisas conduzidas nos Estados Unidos sobre os latinos (Portes e Rumbaut, 2001: 118). Esse é também o caso da primeira geração de imigrantes de nipo-brasileiros no Japão.

Apesar das famílias bilíngues idealizarem a aprendizagem do idioma português dos filhos, observa-se que são poucos os filhos que estão realmente propensos a aprender falar o português em casa. As exceções são as famílias que vieram com as crianças que tiveram a base escolar no Brasil e os casos em que o cônjuge não fala e entende o idioma japonês.

---

<sup>94</sup> Essa amostra heterogênea é importante a fim de que se possa maximizar os acontecimentos e incidentes na comparação dos fatos.



Sra. Shirlayna:

Eu falo direto só português com os meus filhos...mas eles falam tanto japonês quanto português com o meu marido... embora eu não possa julgar (risos), ...olha... pra quem quer voltar é melhor falar com eles em português, porque se não fica complicado.

O caso seguinte mostra como essa situação é difícil para os bilíngues:

Sra Ema e Sr. Hugo

uhm... eu explico e tento falar português sabe, mas é com tanta correria, ... acabou que a mais velha parou de falar o português... eu não queria que ela esquecesse o que a gente ensinou,...só agora que eu notei que tem vezes que ela deixou de falar totalmente o português... ela vai pra creche japonesa e a gente está sempre na correria... Daí ela fala quando eu pergunto alguma coisa em português ...uhm *kore nandake*... (o que é isso?)...A gente viu agora que ela esqueceu mesmo...e os amiguinhos... também são japoneses, ... porque os amiguinhos brasileiros vão pra creche brasileira, então nesse meio tempo ela não usou mais o português...Sabe...ela falava em japonês e quando chegava um amiguinho brasileiro falava português, mas agora com o inverno que eles não se encontram mais lá fora, que dizer ...nesse tempo agora que eu percebi que ela parou de falar...É que nem comigo, (risos)... daí eu falo pra ela vamos falar só português agora tá bom?...Daí ela fala mas você acabou de falar em japonês, porque que tem que falar em português (risos)...Tem uma amiga minha que quando briga assim alguma coisa, ou fala assim brabo, ...ela fala em português para os filhos, mas eles não reagem... nem parece que a mãe tá falando alguma coisa assim que eles fizeram de errado, sabe, daí ela acaba falando em japonês, porque daí eles reagem...No caso do meu marido...ele só falava japonês quando era criança, mas quando entrou para escola brasileira, ele não conseguia fazer amiguinhos, porque não falava português. Foi daí que ele começou a falar o português...mas aí ele passou a esquecer o japonês...foi só quando ele veio para o Japão que ele aprendeu de novo o japonês...e agora com as meninas ele acha mais fácil também falar o japonês...principalmente quando tá cansado né.

Apesar da intenção e interesse dos pais em torno da educação bilíngue, observa-se que a maior parte dos filhos que nasceu no Japão, domina apenas o idioma japonês. Nota-se que a ênfase do aprendizado do idioma português em casa desaparece na prática, ao passo que as mães voltam a trabalhar. De fato, constata-se no decorrer dos sete anos de pesquisa, que a maior parte da segunda geração de imigrantes fala e entende melhor o idioma japonês do que o português, mesmo entre os que falam ambos os idiomas.

Assim, ao se comparar os fatos ficam claros alguns fatores que atuam na fluência do idioma japonês das crianças, como são por exemplo: a escolha da creche, o acesso aos programas de televisão japonesa, a vizinhança e simplesmente a questão de os pais falarem também o idioma japonês. Esses casos ilustram como a criação dessas crianças é voltada para o aprendizado do idioma japonês, ainda que os pais tenham o vago interesse de ensinar o idioma português em casa para os filhos. Pode-se dizer que essa situação torna-se mais difícil, sobretudo, nas famílias onde ambos os pais trabalham. Nesse casos a probabilidade de os filhos aprenderem apenas o idioma do país onde vivem é maior, principalmente quando os

pais fazem longas jornadas de trabalho, restando assim pouco tempo para se dedicarem aos filhos.

É comum notar nas famílias em que os pais também falam o japonês, que eles oscilam mais rapidamente para esse idioma na comunicação com os filhos, a fim de que sejam compreendidos de forma eficaz:

Sra. Ema:

Quando briga assim alguma coisa, ou fala assim brabo... ela fala em português para os filhos, mas eles não reagem... nem parece que a mãe tá falando alguma coisa assim que eles fizeram de errado, sabe, daí ela acaba falando em japonês, porque daí eles reagem.

Tal questão ilustra simultaneamente um problema com relação à comunicação e à relação de pais e filhos, nas famílias em que os pais não conseguem se comunicar adequadamente em japonês com os filhos. Nesses casos, o fato de os pais não falarem bem o idioma do país onde vivem passa a ser uma ameaça para a própria autoridade que eles têm em casa perante aos filhos. As incidências na pesquisa ilustram casos de estresse por causa desse tipo de problema de comunicação.

Sr. Tetsuji:

Às vezes tem assim problema...quando o nosso filho fala só em japonês... porque a Dalila não entende o menino... ela é brasileira e nunca aprendeu japonês antes, então daí complica, porque ela acaba não entendendo os filhos...quer dizer daí ...às vezes dá muito galho essa situação..ele só fala comigo em japonês e com ela às vezes, porque ele sente dificuldades de falar assim em português, porque ele não consegue mais falar assim tudo...isso às vezes complica muito.

O estresse, a tristeza e a pressão psicológica são aspectos mencionados por esses imigrantes da primeira geração, que sentem muita dificuldade em aprender o idioma japonês. Para esses informantes, essa situação representa uma perda de autoridade e de controle da própria família, do papel que se tem e que se espera que eles tenham dentro e fora de casa. Um cenário que pode levar à adoção de medidas como à separação temporária dos pais e filhos. Ou seja, o caso de pais que enviam os filhos para o Brasil para viverem com outros familiares, enquanto eles continuam trabalhando no Japão. Concomitantemente, essas medidas refletem também as motivações, as necessidades e os propósitos dessas famílias de imigrantes em torno da migração temporária no Japão (Essas medidas são ilustradas na seção 4.5.4).

Com relação ao conhecimento do idioma português, observa-se que mesmo que os filhos aprendam o idioma português em casa, que esse conhecimento não é como a de um nativo, sobretudo, quando eles estudam na escola japonesa. Uma situação similar a das famílias, onde

os filhos apenas tiveram uma base do ensino escolar no Brasil, antes de migrarem para o Japão. As exceções observadas são os casos dos filhos dos imigrantes nipo-brasileiros que moram no Japão e que seguem o ensino educacional brasileiro e que falam em casa também o idioma português.

É interessante observar que embora haja um determinado número de imigrantes nessa área, que não foram criadas oportunidades ou iniciativas particulares para se ensinar o idioma português para a segunda geração de imigrantes, apesar de o interesse ter sido enfatizado por todas as famílias. Ora, poderia se dizer então que o interesse mencionado pelos pais simboliza um ideal de vida de se querer proporcionar mais perspectivas de futuro para os filhos, sejam elas no Brasil ou no Japão, mas que infelizmente na prática não se constata realizações concretas desses ideais nessa área.

#### **4.3.2 A divisão das tarefas entre os gêneros**

De forma geral, são as mulheres que se ocupam com o aprendizado do idioma português da segunda geração e com outras tarefas de casa. Elas são as que trabalham por meio período, dado a dificuldade de se poder conciliar as longas jornadas de trabalho com a família, especialmente quando as mães têm filhos pequenos. Esse contexto também tem um impacto na posição das mulheres dentro das famílias e nas possibilidades e tipos de trabalhos que elas conseguem conciliar com as tarefas de casa. Contudo, é no âmbito do trabalho que se constata inquestionavelmente as desvantagens e as desigualdades entre os homens e as mulheres, uma vez que existem diferenças salariais significantes entre os gêneros. Assim, mesmo que realizem o mesmo tipo de serviço, as mulheres recebem menos por hora do que os homens. Um quadro similar se constata também nos Estados Unidos, onde as desigualdades salariais persistem, mesmo quando as mulheres possuem cargos melhores de trabalho (Portes *et al*, 2005: 1026). Sem dúvida, pode-se afirmar então que a probabilidade é maior de serem as mães que têm o trabalho por tempo parcial, caso elas tenham um emprego. Assim, a discriminação salarial não é a única desvantagem do sexo feminino. Também, há a questão de se serem elas, as que se ocupam com as tarefas de casa, independentemente de estarem trabalhando ou não. De acordo com as mães, o serviço só aumenta mais quando voltam a trabalhar fora de casa:

Sra.Kimi:

Poxa na época que eu ficava em casa cuidando só das crianças, eu fazia tudo, porque eu estava em casa, mas quando a gente decidiu que ia voltar a trabalhar, ele disse que ia ajudar...uhm...mas...uhm... só da boca pra fora...a gente chega em casa cansada, depois de apanhar as crianças, e ainda tem que fazer a janta, porque *bentō*(refeição pronta vendida nas lojas) não serve ... e eu que pensei que ele ia ajudar depois de eu voltar a trabalhar..mais que nada, só piorou...ele chega e vai deitar no sofá na frente da televisão com as crianças...nesse ponto parece *nihonjin* (japonês) mesmo.

Constata-se, porém, que há diferenças na participação dos companheiros nas famílias. Apesar de não se poder generalizar, observa-se nos casamentos mistos e também entre os *sansei* que há uma tendência maior dos homens auxiliarem nas tarefas do lar, sobretudo, se as mulheres estão trabalhando.

Constata-se entre as famílias entrevistadas, que a referência que eles têm dos seus pais são geralmente da mãe como dona de casa e do pai como sendo o responsável pela família. Sob a ótica desses imigrantes nipo-brasileiros compreende-se que essa divisão das tarefas são atribuídas à educação japonesa que tiveram no Brasil. Por um lado são particularmente os filhos homens mais velhos, os mais conservadores dessa tradição, por outro lado, são as esposas nipo-brasileiras, especificamente as *nisei*, que também associam esse tipo de divisão de tarefas como sendo parte da educação japonesa. Nesse sentido, quando casam, elas aceitam as divisões das tarefas do lar de uma forma passiva, muitas vezes sem questionar.

De acordo com as mulheres, entende-se que a participação delas na renda familiar, independentemente de terem salários mais baixos do que dos maridos, proporciona um determinado sentimento de respeito e de independência, uma vez que essa forma de trabalho também contribui com os objetivos econômico-financeiros da família e na autoestima. Nesse sentido, o trabalho remunerado representa para o sexo feminino mais do que uma questão financeira.

Ao todo, nota-se nas famílias que após o nascimento dos filhos a intenção inicial da migração temporária passa a se tornar um dilema, sobretudo, quando os pais percebem que para conseguir regressar ao Brasil capitalizados, eles precisam continuar trabalhando. Ou seja, o impacto do aumento da família causa geralmente o adiamento do regresso para o Brasil. Tal fato, dá-se em decorrência dos altos custos de vida que estão ligados ao sustento da família, sobrando menos dinheiro no mês para se poder economizar. Desta forma, muitas mães preferem continuar trabalhando. É dentro desse contexto que a escolha da creche e o tempo

que ainda se deva permanecer no Japão se tornam dilemas para os pais, especialmente, por envolverem decisões que afetam o futuro das duas gerações de imigrantes.

#### **4.4 As opções de criação: a escolha da creche**

Entende-se, porém, que nem todas as mães voltam imediatamente a trabalhar após o nascimento dos filhos. É interessante observar que por um lado, algumas preferem esperar os filhos entrarem na escola, geralmente na idade de 6 anos para então procurar um serviço. Tal atitude dá a entender simultaneamente que, os planos para o regresso já foram postpostos, ou mesmo que eles mudaram totalmente nessas famílias. Por outro lado, constata-se que a maior parte das mães opta por colocar os filhos numa creche para poder continuar trabalhando. Um cenário que mostra que ainda não ficou claro, se há mudanças ou não nos planos dos imigrantes em torno da permanência no Japão. De qualquer forma, entende-se que as famílias de imigrantes que optam por colocar os filhos na creche, possuem de forma geral duas possibilidades: a creche japonesa ou brasileira.<sup>95</sup> De acordo com as motivações dos informantes observa-se, entretanto, que existem diferenças nítidas entre essas duas opções.

Sra.Kimi:

A creche brasileira é daquela senhora brasileira ...ela é conhecida aqui, diz que ela é muito boa, mas é mais cara...do que se botar na creche japonesa...e eu não sei, se a gente for ficar é melhor botar então na creche japonesa pra aprender já desde pequeno a falar bem o japonês...eu fiz isso com o meu filho mais velho, mas com o segundo agora... eu prefiro ficar em casa com eles, pra curtir mais um pouco antes deles entrarem na escola...eu tiver que trabalhar de novo.

Segundo Silvana Yamada, a diferença não é apenas no preço, mas principalmente no tipo de atendimento e serviço que ela presta aos pais e filhos:

Aqui tem creche brasileira e japonesa, mas a brasileira custa *goman* (50.000 iene) e a japonesa é *niman* (20.000 iene)...aqui é assim, se a criança estiver doente com 38 graus ela volta pra casa...mas na brasileira a dona que cuida, ela cuida se a pessoa der o remédio.

Numa outra entrevista com duas mães nipo-brasileiras com os filhos na creche brasileira, obtém-se a seguinte explicação, na qual fica claro o papel da creche brasileira:

---

<sup>95</sup> Entrevistas avulsas com Mie e Yukari no ponto comercial de produtos brasileiros. Ambas informantes não fazem parte do quadro do estudo de casos. Essas informações fazem parte do quadro das entrevistas avulsas dos N=36 informantes, que foram selecionados por acrescentarem um material diferente e complementar nesta pesquisa. Desse modo, obtém-se também as motivações intrínsecas, e peculiares dos pais que optaram pela creche brasileira localizada em Kandatsu.

Sra. Yukari e Sra. Mie: <sup>96</sup>

Lá com ela é assim... a gente pode buscar até 23:00 da noite, porque ela cuida, ela dá a janta, põe lá na cama, e fica cuidando...daí vale a pena botar na creche com ela, porque dá pra gente fazer mais horas de trabalho, isso compensa o custo.

A escolha da creche não depende apenas dos custos, embora seja um fator importante, visto que há diferenças nítidas nos tipos de serviço que são oferecidos as famílias de imigrantes. Aliás, nem o aprendizado da língua portuguesa é considerado um fator importante para essas famílias nipo-brasileiras. Ao contrário, a escolha é frequentemente baseada no que é mais vantajoso para a família em discussão, onde o critério comum entre elas é o fator econômico-financeiro.

Para Yukari e Mie são a flexibilidade do horário e a assistência que se dá as necessidades individuais dos pais os critérios para as suas escolhas. A flexibilidade do horário está estritamente interligada as horas extras de trabalho (*zangyō*), que compensam o custo alto da creche. Quer dizer, o critério da flexibilidade é associado à motivação econômico-financeira, ou seja, não se constata diretamente o fator da afinidade cultural como critério para essa escolha. Yukari e Mie explicam que elas procuram fazer juntos com os seus maridos o máximo possível de horas de trabalho, dado que as perspectivas de futuro e trabalho nas suas famílias são no Brasil. Nessas duas famílias nota-se características de imigrantes temporários no Japão.

De outra forma, observa-se a elaboração de dois critérios entre os informantes que optaram pela creche japonesa: as diferenças de custo em comparação com a creche brasileira e o fato de não terem determinado o tempo de permanência no Japão. O critério “tempo de permanência” é um aspecto complicado para esses imigrantes. Sem exceção, todos os informantes nipo-brasileiros ( $N=66$ ) na pesquisa mencionaram ter posposto os planos iniciais do regresso para o Brasil. Em alguns casos, esses planos se tornaram indefiníveis. Por outro lado, apesar de algumas famílias terem-se estabelecido permanentemente no Japão, compreende-se que nem todas estão seguras do que será melhor para eles no futuro, deixando sempre em aberto a possibilidade do regresso para o Brasil.

#### **4.5 A formação educacional dos filhos: as opções de ensino**

---

<sup>96</sup> Entrevistas avulsas conduzidas no estabelecimento brasileiro na companhia de três mães nipo-brasileiras. Duas dessas mães optaram pela creche brasileira.

No Japão, as opções de ensino para as famílias de imigrantes nipo-brasileiras são a escola particular brasileira, a escola pública japonesa, ou nenhuma dessas duas opções anteriores (Yamanaka, 2006: 101).<sup>97</sup> Uma quarta opção adicionada nessa pesquisa é a de se enviar os filhos para estudarem no Brasil.

Ao terem que optar pela formação educacional dos filhos, compreende-se que muitos imigrantes passam a reconsiderar os planos iniciais. Dentro dessa trajetória, nota-se que algumas famílias passam a mostrar motivações diferentes ao considerarem as opções de ensino e futuro para os filhos. Os dados dos imigrantes sobre as escolas sugerem que os imigrantes estão conscientes dos problemas em torno das opções entre o ensino da escola brasileira e japonesa. Se, por um lado, as escolas japonesas são públicas e acessíveis, nota-se o receio dos imigrantes por ser em japonês. Por outro lado, no caso do ensino da escola brasileira, constata-se que o custo<sup>98</sup> é considerado proporcionalmente alto, nem sempre de fácil acesso, e com a qualidade muitas vezes duvidosa.

As famílias dos estudos de caso optaram de forma geral entre a escola particular brasileira e a escola pública japonesa. No entanto, há variações em alguns desses cenários. Essas mudanças estão relacionadas aos problemas em torno do conhecimento da língua e da cultura, assim como também de deserção. Por último, constata-se também uma “nova” alternativa. A opção de se enviar os filhos para o Brasil, enquanto os pais continuam trabalhando temporariamente no Japão.<sup>99</sup> Essa é uma alternativa que os pais têm com relação à educação brasileira dos filhos. Um contexto familiar diferente dos que escolheram pelo ensino brasileiro dos filhos no Japão.

#### **4.5.1 Uma opção transnacional: A escola particular brasileira**

Apesar da distância das escolas brasileiras nessa área, há famílias que optaram por essa forma de ensino nas redondezas. Um resultado, porém que não é geral entre os imigrantes nipo-brasileiros. Ao contrário, poucos são os casos nesta área. Tal resultado é visível também nos

---

<sup>97</sup> Essa última opção é reforçada pelo aumento do número de crianças e adolescentes nipo-brasileiros desertores no Japão. Ver Yamanaka (2006) para maiores detalhes sobre a explicação desse problema no Japão.

<sup>98</sup> A mensalidade da escola brasileira particular no Japão é de aproximadamente 50,000 ienes por mês. (500 dólares, de acordo com o câmbio do dia 8 de fevereiro de 2012). De acordo com as informações provenientes dos informantes, a média do salário entre as mulheres é de 1,200 a 1,500 dólares por mês. Enquanto, os homens recebem na média 2,500 a 3,000 dólares por mês. Essas informações correspondem aos salários líquidos desses informantes. As variações ocorrem com o bônus, que podem aumentar o valor até aproximadamente 500 dólares no mês.

<sup>99</sup> A quarta opção adotada por umas famílias também faz parte da amostra das entrevistas qualitativas avulsas. Dado que o objetivo desta amostra é trazer à luz fenômenos observados.

estudos de casos, quando apenas duas famílias decidem optar por essa forma de ensino, apesar de haver algumas escolas brasileiras espalhadas nas áreas vizinhas. A escolha, porém, é de ambas as famílias pela escola que fica localizada em Shimotsuma. Uma escola brasileira que fica localizada um pouco mais distante de Kandatsu.

Sra. Shirlayna:

Eu falo direto só português com os meus filhos... Os meus filhos entraram aqui na creche japonesa por um ou dois anos. E agora eles estão na escola brasileira...mas olha, a escola brasileira aqui não ensina que nem a escola brasileira no Brasil, mas o dia deles é puxado...os meus filhos saem daqui às 7:00 da manhã e chegam em casa às 19:00 da noite...agora é diferente sabe, como eu aprendi na escola... os meus filhos não aprendem aqui, você vê que é diferente, que o ensino é mais fraco...

Aqui em casa é assim, quando eles chegam a comida já está pronta. Eles tomam banho e jantam e daí eu volto às 21:00 pra loja. Agora, a gente não fica mais em cima deles. ...Olha, eu nunca nem cheguei a ir para essa escola deles falar com os professores. No início a gente fez um abaixo-assinado para abrir uma escola aqui, e o colégio Pitágoras se interessou, e até houve uma reunião dos pais, mas não veio muita gente. Foram feitas duas reuniões, e o pessoal não apareceu...daí o aluguel da escola seria muito alto e não compensaria, quer dizer aí não vale a pena, mas o pessoal aqui não vai atrás, sabe... Hoje eu recomendo a escola dos meus filhos para o pessoal que pergunta. Nessa escola eles participaram num Matsuri, assim como umas atividades que tem pra dançar samba, essas coisas. ...e também foram para o Disney, quer dizer, eles fazem essas coisas também... A escola deles fica em Shimotsuma. Uma meia hora de condução daqui. No nosso caso a gente quer realmente voltar para o Brasil, então é melhor pra eles estudar aqui numa escola brasileira para depois continuar lá...porque a gente está montando o nosso canto lá no Brasil.

Esse tipo de depoimento ilustra os motivos por trás das escolhas de imigrantes que visam o regresso para o Brasil. Um projeto que é complexo para se poder concretizar na sociedade de acolhimento.

O caso da família de Shirlayna indica, porém, um projeto migratório consciente. Assim, nota-se a prioridade que os pais dão, entre outros aspectos, ao ensino brasileiro dos filhos. Uma escolha, porém, que não é geral entre as famílias de imigrantes que visam paralelamente a migração temporária. Tal constatação indica um quadro diversificado em torno das motivações dos pais com relação à forma de ensino, que se deva proporcionar à segunda geração de imigrantes. Resultados que indicam que os pais nem sempre optam pelo ensino brasileiro para os filhos, apesar de planejarem o regresso.

No caso desta família, os pais partem do princípio que essa é a escolha que proporcionará melhores oportunidades de futuro para os filhos, Vincente e Luana no Brasil.<sup>100</sup> Independentemente de terem dúvidas com relação à qualidade do ensino brasileiro no Japão.

---

<sup>100</sup> Os filhos são registrados como brasileiros no Japão. Eles são *yonsei*, ou seja da quarta geração de descendentes de japoneses.



De qualquer forma nota-se que os pais priorizam a educação brasileira para os filhos, tanto fora quanto dentro de casa. Assim, apesar dos filhos terem nascido e crescido no Japão, eles são fluentes apenas em português.<sup>101</sup>

Um outro aspecto que caracteriza essa segunda geração de imigrantes é o fato deles desenvolverem uma identidade diferente da sociedade dominante do país receptor. Além de se compreender que a segunda geração, que se encontra nessa situação possui geralmente pouca interação social com os japoneses. Nesse sentido, observa-se, que o ciclo de amizade dos filhos de Shirlayna se restringe, especificamente, aos outros filhos de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros da escola brasileira onde estudam. Apesar de aprenderem também o japonês, ao lado das matérias que fazem parte do currículo do ano escolar da escola brasileira, em que se encontram. Um conhecimento, porém, que é básico.

Ademais, nota-se nos relatos de Luana e Vincente que a importância que eles dão à escola é sobretudo, pelo fato dela proporcionar oportunidades de terem amizades com outros jovens, imigrantes, que possuem um tipo de vida similar. Jovens que assim como eles, compartilham de um ritmo de vida no Japão que é voltado para o regresso ao Brasil. Se, por um lado, vivem em torno do sonho do regresso, por outro lado nota-se que o mesmo ainda não foi efetivamente definido. São essas situações dentro das famílias, que ilustram as inseguranças dos jovens. De uma segunda geração de imigrantes que vive num ritmo de vida, que está ligado à expectativa da partida. Isto é, de uma vida familiar, que é construída em torno de dois países totalmente distintos.

Um outro aspecto que chama a atenção com relação ao papel dos pais na educação dos filhos é quanto à falta de participação que eles têm no ensino da segunda geração, independentemente de se tratar da escola brasileira ou japonesa. Uma situação muito comum, sobretudo nas famílias onde ambos os pais trabalham. Ressalta-se, porém, que se observa que são principalmente os maridos, que partem do princípio de que a responsabilidade do que acontece com relação à escola é desde cedo dos filhos. Isso implica dizer que, os filhos é que precisam se conscientizar de que são responsáveis pelo próprio desempenho escolar como estudante. Esse mesmo tipo de ocorrência se constata entre as famílias de imigrantes haitianos e chineses nos Estados Unidos, que embora sejam culturalmente diferentes, mostram atitudes

---

<sup>101</sup> Shirlayna é a proprietária de um pequeno estabelecimento comercial brasileiro, que serve de mercadinho e lanchonete em Kandatsu. Nesse estabelecimento observa-se como Shirlayna aguarda do caixa do seu estabelecimento no final do dia, os filhos que voltam da escola com a condução. Situa-se que no caso dos filhos de Shirlayna, a filha Luana é nascida no Brasil, no Estado de São Paulo. Essa é a filha que veio como bebê de colo com a mãe para o Japão, enquanto o rapaz, Vincente, nasceu no Japão.

similares com relação à expectativa de que o que se passa na escola é problema dos filhos e dos professores (Suarez-Orozco, 2002: 149).

Nesse sentido, como os filhos não mencionam muito sobre o ensino ou os deveres de casa, os pais também negligenciam essa parte da educação dos filhos em casa por viverem um ritmo de vida atarefado.

Um outro exemplo de uma adolescente, cujos os pais optaram pelo ensino da escola brasileira é o caso de Miya. Essa decisão, porém, foi tomada após Miya ter passado um período de quase dois anos na escola pública japonesa. A complexidade em torno do seu caso, dá-se ao fato de ter vivido e estudado no Brasil até a idade de 13 anos. É nesta idade que Miya vem ao encontro dos seus pais, que já estavam no Japão. No seu caso a sua família priorizou na época a escolha do ensino da escola pública japonesa. Uma situação difícil ao se considerar que Miya foi inserida na turma que correspondia a sua idade, após só ter estudado por um ano o idioma japonês. Como a filha não conseguiu acompanhar os estudos e passou a ter vários problemas na escola, os pais de Miya decidiram mudar a filha da escola japonesa para a brasileira.<sup>102</sup> Esse tipo de exemplo ilustra o fato de o ensino da escola particular brasileira nem sempre ser a primeira escolha dos pais. Entende-se que muitos imigrantes passam a considerar a opção do ensino da escola brasileira, quando eles percebem que os filhos não conseguem se adaptar ao ensino da escola pública japonesa. Um cenário que se nota sobretudo, com os jovens que migraram após terem tido a base educacional no Brasil. Por um lado, tem-se então o problema das crianças que não conseguem acompanhar o ensino japonês, por causa da falta de base na língua japonesa, por outro lado, observa-se os problemas em torno do ensino fraco das escolas brasileiras no Japão.

Miya:

No Brasil eu parei na sexta série, quer dizer eu vou ter que continuar daí, por que aqui eu não aprendi muito não...desde que entrei aqui eu vi que...não sei é diferente...não é a mesma coisa...o jeito é ir para o Brasil fazer supletivo lá...aqui não.

Uma crítica ao sistema de ensino brasileiro no Japão feita sem exceção pelos informantes é a educação precária que é oferecida nessas escolas. Imigrantes como Shirlayna optaram pelo

---

<sup>102</sup> Aos 17 anos de idade Miya conta de maneira espontânea sobre a sua experiência anterior, como mestiça na escola japonesa (essa parte é tratada no tópico sobre a deserção). Sem receios, ela menciona fluentemente em português os planos futuros de querer regressar ao Brasil, mesmo sem os pais, para estudar e morar com outros familiares. No caso da família de Miya, ela também tem um irmão mais novo, Yanosuke, que continua estudando na escola pública japonesa.

ensino brasileiro no Japão, por ser a melhor opção dentro do contexto da sua família e dos planos que ela e o marido têm perante o futuro, apesar de estarem cientes do ensino brasileiro no Japão ser fraco.

Por sua vez, Takamichi ilustra essa questão ao fazer uma comparação do Japão com o Brasil, sobre os custos e a qualidade do ensino da educação brasileira e japonesa:

Sr. Takamichi:

Uma é você colocar o seu filho numa escola brasileira no Japão, a outra é você colocar numa escola japonesa e a outra é você mandar o filho para o Brasil. Você vai ter fatores sociais e fatores econômicos para essa decisão.

Por exemplo o que é que acontece quando você coloca o seu filho numa escola brasileira no Japão...Uma escola brasileira é uma escola particular então essa escola vai te cobrar mensalidade. Só que a infraestrutura é precaríssima, muito precária mesmo, se você vai visitar algumas escolas brasileiras no Japão você vai se assustar. Em função da realidade japonesa do Japão, isso é o que se tem...Se a mensalidade é cara ou barata, depende do seu parâmetro de comparação. Se você comparar essa mensalidade com uma escola particular no Japão, essa mensalidade é muito barata, se você comparar com uma escola pública no Japão a escola brasileira é cara, mas se você comparar com o Brasil está quase no mesmo patamar. Então o que é que acontece quando a pessoa decide mandar os filhos para uma escola brasileira. Primeiro, os pais não sabem se ainda vão voltar para o Brasil ou se vão ficar no Japão. Muito provavelmente eles têm esse sonho de voltar para o Brasil. Eles querem voltar, economizar e retornar para o Brasil, então eles não querem colocar os filhos numa escola japonesa no Japão.

Um dos outros motivos também é que a escola brasileira funciona por mais tempo, além de ser uma escola ela também tem a função de creche. A criança começa a estudar às 6 ou 7 horas da manhã e vai até às 19:00 horas da noite. Então os pais conseguem fazer o *zangyō* tranquilo, sem ter que se preocupar com os filhos. Um terceiro motivo é o fato de os pais não falarem o japonês.

Dentro desse quadro de opções, Takamichi parte da expectativa de que os imigrantes nipo-brasileiros que visam a migração temporária escolham o ensino da escola brasileira. Os resultados, porém, mostram na prática um outro cenário, uma vez que entre as famílias de imigrantes a escolha pelo ensino público japonês é predominante. Independentemente de se tratar também de imigrantes, que visam a migração temporária.<sup>103</sup>

Essa questão ilustra também um outro cenário. O fato de os pais terem a expectativa de que de que os filhos, por serem jovens ou crianças possam se adaptar facilmente às mudanças com relação ao ensino num outro país. No Japão, porém, o caso de Miya ilustra que essa ideia não é compatível com a realidade.<sup>104</sup> A falta de conhecimento da língua e da cultura japonesa,

---

<sup>103</sup> Imigrantes acreditam que os filhos consigam se adaptar sem problemas ao Brasil, quando decidirem regressar. Assim, mesmo que visem a migração temporária, muitos escolhem o ensino da escola pública japonesa.

<sup>104</sup> Miya é um dos inúmeros casos de crianças que começaram a estudar no Japão na escola pública japonesa e que depois tiveram que mudar para a escola brasileira. Esses tipos de relatos são visíveis em muitos relatos dos blogs de imigrantes nipo-brasileiros que vivem no Japão.

os problema de *ijime*, impedem esses imigrantes da segunda geração de conseguir acompanhar o ensino japonês adequadamente. Assim, apesar de os pais e de Miya estarem cientes do ensino fraco das escolas brasileiras nas redondezas, essa foi para a família a melhor opção para que a filha não ficasse sem estudar. Além disso, constata-se também que os imigrantes temporários partem do princípio de que os problemas em torno da educação dos filhos serão facilmente resolvidos, independentemente da escolha que façam, quando eles voltarem ao Brasil. Ou seja, os pais pressupõem que os filhos conseguirão recuperar o tempo perdido ou à falta de base que eles têm, através dos cursos de supletivo no Brasil.

Contudo, nem todas as famílias de imigrantes nipo-brasileiros fazem planos de regresso. Esse é o caso de um outra família, onde a filha mais velha tinha uma situação similar ao de Miya. No entanto, diferente de Miya, essa família optou por manter a filha no ensino japonês.

#### **4.5.2 A escola japonesa**

No Japão, as crianças que completam 6 anos de idade até o dia 1º de abril, devem ser matriculadas na escola primária, que tem duração de 6 anos. Aos 12 anos, o adolescente ingressa no curso ginásial que tem duração de 3 anos, o que no seu total corresponde à 9 anos de ensino compulsório.

Tabela 9: O ensino japonês no Japão.<sup>105</sup>

---

<sup>105</sup> Informações adquiridas na entrevista com a professora Fumiko sobre a divisão do ensino japonês no Japão. Tabela da pesquisadora.

Idade	Nível de ensino (e demonição em Japonês)	Idade escolar
0 a 3 anos	Creche	-
3 a 6 anos	Jardim de infância (幼稚園 Yōchien)	-
<b>Ensino Compulsório</b>		
6 a 12 anos	Escola Elementar (小学校 Shōgakkō)	6-7 anos - 1º ano 7-8 anos - 2º ano 8-9 anos - 3º ano 9-10 anos - 4º ano 10-11 anos - 5º ano 11-12 anos - 6º ano
12- 15 anos	Ginásio (中学校 chūgakkō)	12 -13 anos - 1º ano 13 -14 anos - 2º ano 14 -15 anos - 3º ano
<b>Ensino Facultativo</b>		
15-18 anos	Colégio ou ensino médio (高等学校) kōtōgakkō, abreviação 高校 kōkō	15 -16 anos - 1º ano 16 -17 anos - 2º ano 17 -18 anos - 3º ano
18 - 20 anos Ou 18-22 anos	Técnico superior (短期大学) Ou Tankidaigaku ou Universidade (大学 Daigaku)	

Fonte: a própria autora.

No Japão o aluno é matriculado de acordo com a idade escolar nas respectivas séries acima mencionadas. Ao contrário do Brasil não há o sistema de repetência durante esse período de 9 anos de curso obrigatório, e os livros didáticos são gratuitos. O fato da escola ser pública não indica que ela seja gratuita, como são os casos das escolas públicas no Brasil. Assim, existe uma mensalidade neste tipo de escola no Japão. O custo, porém é baixo em comparação com as escolas particulares. Entende-se que a mensalidade nas escolas japonesas é de 6,000 yen, o que corresponde à aproximadamente 60 dólares. De acordo com os dados, nessa mensalidade estão inclusos os custos da merenda e das atividades escolares, como passeios e excursões. Ademais, como se lê no esquema acima, a fase do ensino compulsório no Japão vai até a

idade de 15 anos. Durante essa fase escolar a lei japonesa proíbe as crianças e adolescentes, menores de 15 anos de exercer qualquer atividade profissional.

No trabalho de campo observa-se, contudo, que as famílias de imigrantes que optaram pelo ensino japonês, nem sempre estão conscientes de como o sistema educacional japonês funciona. Aliás, é comum notar determinadas reações negativas dos pais com relação às diferenças no ensino que os filhos têm no Japão, quando são constatam outras normas culturais e outros métodos de avaliação.

Independente dessas diferenças culturais, o que chama a atenção no decorrer desta pesquisa são as mudanças nas motivações que os pais dão sobre a escolha do ensino que se deve proporcionar aos filhos. Ou seja, é notável as mudanças nos relatos que foram dados no início e no fim da pesquisa, ao se tratar especificamente sobre os aspectos que determinaram a escolha pelo ensino japonês da segunda geração. Em 2003, a motivação mencionada estava relacionada às diferenças nos custos das mensalidades entre a escola particular brasileira e a escola pública japonesa e também ao problema da distância das escolas brasileiras na época. É óbvio nos resultados que o custo da mensalidade da escola brasileira é considerada cara para os imigrantes no Japão, ao compararem com o ensino japonês que é público e mais barato.<sup>106</sup> No caso da distância, as escolas brasileiras estão situadas em outras áreas vizinhas mais distantes, em que há maiores concentrações de famílias de imigrantes nipo-brasileiros, enquanto as escolas públicas japonesas são de fácil acesso por estarem situadas em todas as áreas.

É com o decorrer da pesquisa que se observa que os pais mencionam outras motivações e critérios com relação à escolha do ensino dos filhos. As escolhas pelo ensino japonês são expostas pelos informantes em 2005 e 2010, como sendo a opção que proporciona melhores oportunidades de futuro para os filhos.

Abaixo, cita-se três trechos das citações de Ema, em anos diferentes, ilustrando como o processo da opção e da decisão pelo ensino japonês ocorreu na sua família.

Sra. Ema:

Quando elas completarem 6 anos eu vou por elas na escolinha japonesa, porque a brasileira é mais cara e mais longe...e como a gente não tem carro...a gente vai escolher a escolinha japonesa, para elas se acostumarem aqui. (entrevista em 2003)

...

---

<sup>106</sup> A mensalidade nas escolas japonesas é de 6,000 yen, o que equivale a aproximadamente 60 dólares, enquanto na escola particular brasileira a mensalidade pode ser de 50,000 até 80,000 yen (500 à 800 dólares por mês).

É o Hugo achou que é bom botar aqui na escola japonesa, porque a gente pode até querer botar na escola brasileira, mas ...a gente não tem condição...porque é cara né, e no caso da escola aqui...ela não é boa, a qualidade realmente é triste... e se quiser colocar numa escola brasileira boa, tem que mandar pra uma outra cidade mais longe ainda e a condução leva mais de uma hora pra chegar lá...É nesse ponto... na escola japonesa eu gosto, porque num ponto é um ensino organizado....e aí quando você vê que na escola brasileira o método não é muito bom né... o pior que têm pais que sabem que o ensino não está sendo muito bom, mas como eles querem voltar para o Brasil, então eles acabam deixando os filhos na escola brasileira sem que sejam boas, e fazem que não estão vendo o problema....Tem essa que é boa, mas é longe e as crianças têm que ir mais de uma hora de ônibus, mas é muito cara também. ...mas têm pais que põem na escola brasileira, porque pretendem voltar logo... só que a mensalidade dessa escola brasileira é por mês 80,000<sup>107</sup> yen, mas ...tem gente também que vai voltar logo para o Brasil e põe na escola japonesa, porque a brasileira é muito cara, que dizer... você vai ver de tudo aqui... até o pessoal que decide pela escola japonesa porque pensa que os filhos vão recuperar o tempo quando voltarem para o Brasil. (entrevista em 2005)

Olha, as minhas filhas estão bem na escola japonesa...ela fica aqui pertinho de casa... elas já estão tão acostumadas aqui... tudo tão organizado, certinho, tem toda uma rotina, ... é, agora eu também consegui tirar a carteira, nossa!... como isso ajuda. Eu nem acredito que eu consegui tirar a carteira aqui no Japão. Agora é mais fácil...é sempre uma correria...em casa pra poder fazer as coisas, mas eu sempre tento ir para reunião dos pais... sempre que eu posso... assim a gente procura participar né. (entrevista em 2010)

Ema e Hugo matricularam as filhas desde pequenas na creche japonesa. Um resultado que mostra que os pais já inclinavam mais para a educação japonesa. É através da creche, que ambas as filhas passam a dominar o idioma japonês, embora Ema e Hugo falem português entre si em casa. A comunicação com as filhas, porém, passou a ser gradativamente apenas em japonês. Ema explica ter tentado inúmeras vezes se comunicar com as filhas em português, mas sem muito êxito. A ambição de que as filhas também precisam aprender a falar português, desaparece paralelamente a medida que elas passam integrar no ensino japonês.

No caso desta família nota-se que a motivação intrínseca dos pais é voltada para a vida no Japão. Essa família se destaca desde o início da pesquisa por se tratar de nipo-brasileiros que, se adaptaram à vida no Japão. Naturalmente, o fato de terem conseguido uma situação econômico-financeira estável com o decorrer dos anos proporcionou também uma perspectiva de futuro e de melhora de vida no Japão. Essa motivação extrínseca favoreceu assim ainda mais esse comportamento dinâmico de aculturação dos pais. Pode-se dizer que é o conjunto de todos esses resultados juntos que proporciona também um posicionamento positivo perante

---

<sup>107</sup> A mensalidade das escolas brasileiras pode variar no Japão. Compreende-se através dos relatos o fato de muitas escolas particulares brasileiras não serem registradas oficialmente, ou seja, essas escolas são clandestinas. De acordo com as informações no Ministério da Educação no Brasil, em 2007, antes da crise econômica mundial havia apenas 50 escolas registradas oficialmente no Japão. Essas escolas se concentram nas áreas de alta concentração de nipo-brasileiros. Em 2013 tem-se um total de 45 escolas brasileiras reconhecidas pelo MEC.

a vida no Japão. Um resultado que se nota também no desenvolvimento positivo das filhas na escola japonesa nos sete anos de pesquisa.

Outro caso similar observado é a família de Kimi e Nori:

Sra. Kimi:

O meu filho mais velho está na escola japonesa, assim como o meu segundo... A escola japonesa é mais barata aqui, mas eu acho que... os meus filhos têm mais futuro no Japão, e por isso é bom colocar eles na escola japonesa... tem muitos brasileiros que põem os filhos numa escola japonesa por ser mais barata... mas é só por esse motivo. A gente escolheu a escola japonesa, então quer dizer, a gente tem que esperar até os nossos filhos ficarem grandes para pensar o que a gente quer fazer no futuro...eles estão agora no primário, aí só a mensalidade<sup>108</sup> dos meus dois filhos juntos já custa *ichiman sanzen* yen (13.000,00),... o meu segundo está fazendo *yōchien* (alfabetização)...O sonho da gente é que ele faça o *kōkō* (ensino médio) aqui no Japão numa escola boa, mas é caro, e se a criança não tiver notas boas no *chūgakkō* (ginásio), então não dá para você escolher uma escola boa pra fazer o *kōkō*, porque aqui eles vêem muitos os pontos da criança que ela tirou no *chūgakkō*... Aqui o sistema é diferente do Brasil. ...As crianças passam vários anos sem fazer provas, e chega o último ano, e aí você tem que mostrar tudo o que aprendeu todos esses anos... e daí só que eles vêem quantos pontos a criança tirou. Nesse ponto eu prefiro o sistema do Brasil, que faz provas todos os anos e diz se o aluno passou ou não passou. Mas, aqui se a criança for boa, pode ganhar até bolsa para fazer o *kōkō* (ensino médio ou colégio) mas tem que se esforçar né...A gente tenta participar mais na educação deles, perguntando como é que vai na escola, se eles estão entendendo, dizendo para fazer o *shukudai* (dever de casa). Eu olho para saber se ele está fazendo direito, mas não é que eu saiba ou que eu entenda o que ele tem que fazer muitas vezes... Às vezes eu tenho que brigar em casa, porque ele faz tudo rápido assim...só para ir brincar. O meu marido pega feio, se eu falar que o nosso filho mais velho não está fazendo o *shukudai* direito...uhm... Porque quando eu falo, às vezes não resolve daí eu digo que vou contar para o pai, e num instante o meu filho faz o dever de casa direito. Agora eu tento acompanhar no que eu sei...mas quando for mais adiante vai ser difícil porque a gente não estudou aqui...Eu quero um futuro melhor para os meus filhos...eu gostaria de que os meus filhos entrassem na universidade aqui no *nihon* (Japão)... Se eles não querem estudar, o que é que vai acontecer com eles?... quem não estuda aqui fica pra peão ...O meu marido é que deve falar que eles têm que estudar, pois quando o pai fala a palavra é mais forte.

Imigração é um processo que implica mudanças contínuas nos projetos de vida. São essas alterações nos planos iniciais mencionadas acima no caso de Kimi, que mostram como os imigrantes modificam continuamente as metas no processo migratório de acordo com as necessidades do momento em que se encontram.

O caso da família de Kimi ilustra claramente como os pais procuram, dentro dos meios que eles possuem, alternativas para educar os filhos. Assim como na família de Hugo e Ema nota-se nesta família que a motivação intrínseca e extrínseca dos pais é de permanecer por tempo indeterminado no Japão. Se, por um lado, esse contexto determina a escolha do ensino

---

<sup>108</sup> A mensalidade 13,000 yen (130 dólares) é para cobrir os custos do lanche que é proporcionado pela escola, assim como os custos dos passeios realizados durante o ano letivo.



que se deve proporcionar aos filhos, por outro lado, não se pode omitir que, o fato de a escola pública japonesa ser barata em comparação com o ensino da escola particular brasileira interagiu na escolha que esses pais fizeram por esse tipo de ensino no passado. Apesar dessa família também ter idealizado por uma época a educação brasileira para os filhos. A mudança nos planos ocorre para a família de Kimi e de Ema, por ser a opção mais lógica dentro dos parâmetros de vida que tinham na época.

Ao mesmo tempo, essa escolha pelo ensino japonês proporciona outros tipos de obstáculos. Essas são as diferenças culturais no ensino que não inviabilizam os pais de poderem acompanhar os filhos adequadamente. Um cenário que pode causar muito estresse nas famílias, exatamente em decorrência das limitações que eles sentem como imigrantes.

Kimi explica almejar para os filhos, que eles não tenham que passar pelo mesmo tipo de vida, que ela e Nori tiveram que lidar quando chegaram no Japão. Assim, ela menciona o medo que sente, se os filhos não se empenharem nos estudos, ao falar “... quem não estuda aqui fica pra peão.” Kimi acredita que o fato de ter estudado no Brasil proporcionou-lhe melhores perspectivas de trabalho no Japão, ainda que seja numa fábrica como chefe de uma subseção.

Ao todo, pode-se dizer que esses imigrantes almejam um futuro melhor para os filhos. Particularmente por terem a experiência das condições de vida de *dekasegi* que realizam trabalhos de mão de obra não qualificada. Enfim, para os pais o êxito nos estudos no Japão representa a condição essencial para que os filhos tenham melhores oportunidades de vida e, para que consigam a mobilidade sócio-econômica. Apesar dessa realidade não corresponder à situação profissional de muitos imigrantes da primeira geração com ensino universitário no Japão. Um desses exemplos é o próprio caso de Kimi, que é formada em farmacêutica, embora nunca tenha exercido a sua função no Brasil e muito menos no Japão. De fato, entende-se também que ela nunca procurou revalidar os seus diplomas. Isto quer dizer que no Japão, eles não possuem o mesmo valor.<sup>109</sup> Um aspecto que é muito comum dentro do sistema migratório internacional, quando a migração é introduzida para suprir a demanda do mercado de trabalhos de mão de obra não qualificada (Suarez-Orozco, 2002: 22-23). No caso da migração de “retorno” compreende-se que a afinidade cultural não se reflete nos tipos de

---

<sup>109</sup> Se Kimi quisesse revalidar os seus diplomas no Japão, isso implicaria dizer que ela precisaria estudar ainda por mais tempo por ter que seguir outras matérias. Nas conversas torna-se nítido à sua falta de interesse em continuar estudando, principalmente após ter-se tornado mãe. À falta motivação, os custos e as dificuldades na linguagem escrita foram para ela fatores que determinaram também o fato de não ter considerado essa opção no Japão.

trabalhos oferecidos aos imigrantes, e nem na mobilidade social desse grupo, como é o caso da migração de “retorno” dos descendentes de espanhóis nascidos na Argentina para Aguaviva na Espanha (Cook-Martín e Villadrich, 2009: 144-145). Uma exceção é o caso da primeira e segunda onda migratória de brasileiros para Portugal, quando os brasileiros passaram a preencher as vagas de trabalho do mesmo setor de trabalho, que tinham no Brasil, mantendo assim o status de classe média, após migrarem (Torresan, 2012: 112-114).

Na migração de “retorno” para o Japão, as exceções são em grande parte os imigrantes, que se tornaram empreendedores, e dos casos de imigrantes, que geralmente, dominavam o idioma japonês falado e escrito, mesmo antes de migrar. Nesses casos, essas competências proporcionam melhores oportunidades de trabalho no decorrer dos anos, apesar de muitos ainda continuarem trabalhando nas fábricas. Isto é, ainda que se constate uma melhora de trabalho proveniente da combinação do nível de educação, do conhecimento cultural e de falarem ambos idiomas, nota-se que essas mudanças ainda são muito limitadas. Todavia, esses são muitas vezes os exemplos de famílias de imigrantes, que por terem essas competências, estão em condições de incentivar e facilitar os filhos para que eles tenham condições de conseguir um futuro melhor no Japão. Esses tipos de famílias não são exceções, dado que resultados similares são constatados numa outra pesquisa (Ishikawa, 2009: 73-74). Enfim, é importante que se leve em consideração, que ainda se tem poucos dados sobre esses tipos de casos, por ser um quadro recente e ainda em desenvolvimento, por se tratar de resultados que envolvem a segunda geração.

Indiferentemente, pode-se dizer que o caso de Kimi mencionado acima, ilustra um sonho compartilhado por muitas famílias de imigrantes da primeira geração, que optaram pelo ensino japonês. De acordo com Shimizu (2002: 80-85) imigrantes vêem no ensino japonês uma oportunidade que proporcionará a mobilidade social dos filhos (Shimizu, 2002: 80-85). Entende-se que esse é geralmente o caso dos imigrantes que buscam o enraizamento no Japão, ou dos que esperam conscientemente, os filhos encerrarem os estudos e se tornarem de maior para regressarem para o Brasil.

#### **4.5.2.1 A influência do ensino japonês no processo migratório**

Para as famílias de imigrantes uma das preocupações durante o trajeto escolar dos filhos é a entrada no *kōkō* (colégio ou ensino médio). Exatamente, por ser considerada uma fase escolar difícil e competitiva mesmo para os japoneses. Uma fase que pode determinar o futuro desses

jovens. Assim, é comum ouvir os pais comentarem as histórias dos filhos de outras famílias de imigrantes nipo-brasileiras, que entraram na escola técnica ou mesmo na universidade, após terem obtido bons resultados no *kōkō*. Resultados que mostram que a segunda geração tem a proficiência na língua japonesa. Apesar desses casos ainda serem exceções neste estudo, entende-se que eles servem de exemplos para as outras famílias de imigrantes. Independentemente dos pais tentarem o enraizamento no Japão, ou de ainda continuarem idealizando o regresso para o Brasil. Para as famílias que visam a migração temporária, essa fase educacional dos filhos, apenas pospôs os planos de regresso ao Brasil. Nesses casos, a decisão pelo ensino japonês influencia no tempo de duração do processo migratório dos pais, que não planejam permanecer no futuro no Japão. Dentro desse contexto a migração de “retorno” continua tendo uma motivação temporária. A inserção dos filhos no ensino japonês apenas prolonga mais esse fenômeno migratório para as famílias que acreditam que o futuro dos filhos é no Japão.

Nesse sentido, mesmo que tenham o contrato fixo e uma situação econômico-financeira melhor do que quando chegaram no Japão, isso não significa que os pais queiram permanecer no país. Assim, é comum ouvir de uma parte das famílias dos estudos de casos, que eles apenas esperam os filhos encerrarem os estudos para então regressarem para o Brasil. A motivação temporária desses imigrantes da primeira geração também pode ser constatada no comportamento e nas decisões em torno da compra de bens imobiliários, as quais são nesses casos no Brasil. Paralelamente, nota-se que esses imigrantes continuam evitando de fazer gastos altos no Japão, por isso continuam vivendo nos apartamentos alugados da prefeitura a fim de poder guardar o máximo possível das economias para o regresso. Esse é o contexto do caso seguinte:

Sr. Koji e Sra. Ryoko:

Não é que a gente não goste daqui, mas é a nossa família está toda no Brasil, com exceção da gente aqui (risos)...hoje eu vejo que quando a gente passa a ficar mais velho, com problema de saúde aqui e ali, que nem eu, que a gente sente falta de falar português ...porque quem fala com os médicos mesmo é a mãe, não é Ryoko... porque ela é que sabe explicar melhor...então não nem por ela que a gente vai voltar, mas é por mim mesmo, que a gente prefere ficar perto da família lá, depois de todos esses anos aqui, ...a gente está esperando o nosso filho terminar os estudos direitinho, porque ele entrou agora *kōkō* e quando ele estiver mais encaminhado, e puder fazer e decidir tudo só, a gente vai voltar e se aposentar.

O aspecto temporário da migração de “retorno” desses imigrantes pode ser atribuído ao fato de terem fortes laços familiares no Brasil. Assim como também pelo fato de não conseguirem

se adaptar totalmente ao Japão, em consequência das diferenças culturais, mas sobretudo, por causa da falta de conhecimento no idioma japonês. Esse é o grupo também com a maior probabilidade de regresso entre os imigrantes, mesmo que tenham conseguido se estabilizar financeiramente no país.

#### **4.5.2.2 A construção da identidade dos filhos dos imigrantes no ensino japonês**

Para muitos filhos de imigrantes nipo-brasileiros que nasceram e cresceram no Japão, esse país tornou-se a pátria com a qual eles se identificam. Apesar de muitos pais enfatizarem o fato de os filhos também serem “brasileiros”, nota-se que essas crianças e jovens tomam distância dessa identidade, ainda mais quando os pais possuem *koseki* no Japão. Nesses casos é notável a repulsão dos filhos.

Observa-se que a segunda geração não possui interesse na língua brasileira e nem na cultura. Assim é comum ouvir dos pais as queixas com relação aos filhos, particularmente quando os filhos optam em tomar distância dos aspectos culturais associados à identidade brasileira.

Sra. Kimi:

O meu segundo filho às vezes até fica raiva quando eu digo que ele também é brasileiro...ele realmente é japonês, só gosta de comida japonesa, meu Deus... que nem o mais velho, eu acho que eles não se habituam a viver no Brasil não...eles não falam português...tem esse jeito assim de japonês, principalmente o mais velho, ....às vezes ficam irritado quando a gente diz que a gente não nasceu aqui... embora os nossos pais (avós) também sejam japoneses, mas nós nascemos no Brasil....e a gente diz isso pra eles, ....mas os meus filhos se sentem japoneses ....eles foram para o Brasil para ver os avós e lá claro eles só falaram japonês...mas os meus filhos não gostaram muito não, ...eu acho que estranha né .....ainda que estavam com os avós.

As tentativas dos pais em conscientizar os filhos que eles também possuem vínculos com a identidade brasileira não são apreciadas, embora os filhos estejam conscientes que os pais nasceram no Brasil.

Entende-se que muitos filhos de imigrantes que migraram quando pequenos, ou que nasceram no Japão, buscam a assimilação da cultura japonesa. De forma geral, essas crianças e jovens não falam português e nem possuem a motivação de aprender a língua. O Brasil representa para eles, um país do outro lado do mundo, que muitos só conhecem através das histórias, das músicas, do futebol brasileiro na televisão, da comida e das inúmeras fotos. Aliás, são também exceções na pesquisa, as famílias que visitaram os parentes no Brasil com os filhos.

Por um lado, os filhos dos imigrantes preferem ocultar a bagagem cultural relacionada à identidade brasileira que eles têm, sobretudo em público, por outro lado, nota-se também a ambivalência cultural na segunda geração, transmitida em casa pelos pais dentro da estrutura familiar. É comum ver, principalmente, durante as festas de Natal e nos aniversários, costumes que refletem a influência da cultura brasileira nessas famílias. Como são os pratos típicos da comida brasileira servida nesses tipos de ocasiões, mesmo que se note que a comida seja menos temperada do que no Brasil. Assim é comum vê-los comer feijoada, ou feijão, nem que seja, temperado com *shōyu* (tempero japonês, molho de soja), fazer churrasco nos espetos com sal grosso, e outros pratos típicos nessas festas. Esses costumes mostram a influência cultural através da comida brasileira na mesa desses imigrantes, mesmo nas famílias que se adaptaram à vida no Japão. Todavia, esses tipos de diferenças culturais não interferem na percepção da identidade desses filhos de imigrantes.

As diferenças maiores na pesquisa dar-se com os filhos de imigrantes que não são nativos e que possuem um atraso escolar, assim como também com os filhos de imigrantes com nomes estrangeiros, e com os mestiços. Para esses nipo-brasileiros e brasileiros, à falta de conhecimento no idioma japonês e das diferenças culturais, tem como resultado a viabilidade de serem marginalizados. Principalmente pelos próprios colegas de sala de aula. Quando esse problema ou situação ocorre de forma contínua, nota-se a probabilidade dessas ocorrências se traduzirem nos sinais de revolta contra a sociedade receptora e/ou contra os pais dessa segunda geração de imigrantes.

Não apenas no Japão, resultados abordados em outras pesquisas nos Estados Unidos mostram um quadro similar constatado também entre os filhos de imigrantes porto-riquenhos, africanos (Suarez-Orozco, 2002: 107) e mexicanos ilegais (Bacallao e Smokowski, 2007: 52-66).

Um outro caso também são os mestiços. Esses são os filhos de imigrantes nipo-brasileiros, que são visivelmente diferentes dos japoneses. As diferenças na fisionomia os distinguem dos demais estudantes, publicamente. Mesmo que falem o idioma japonês, e tenham assimilado a cultura japonesa, esse conhecimento não dá a entender que sejam aceitos pelos outros estudantes. Dentro desse contexto são constatados alguns casos de *ijime* (*mobbing*). O problema do *ijime* é abordado a parte no próximo no quadro.

Todavia, como nasceram no Japão, onde falam o idioma e assimilaram a cultura, essa situação em que se encontram pode proporcionar o desenvolvimento de uma identidade

imprecisa e ambígua, a qual possuem dificuldades de definir por não se sentirem aceitos como mestiços. A reação desses filhos de imigrantes mostra o sonho ou desejo de migrarem para o Brasil no futuro, onde presumem ser aceitos pela sociedade brasileira.

Essa não é a mesma situação para os mestiços que migraram, após terem tido uma base na educação escolar no Brasil. Nesses casos nota-se uma probabilidade maior de se identificarem apenas com a identidade brasileira, por se sentirem discriminados pela bagagem cultural brasileira, e sobretudo pelos problemas no desenvolvimento escolar. A desvantagem no conhecimento da língua japonesa forma para esses filhos de imigrantes uma contínua barreira no desenvolvimento escolar no Japão.

#### 4.5.2.3 A questão da identidade nipo-brasileira e o problema de *ijime*<sup>110</sup>

Ao examinar o contexto da questão da identidade entre os filhos dos imigrantes, tornam-se visíveis alguns incidentes, principalmente quando se há diferenças, culturais ou mesmo fisionômicas. Deixa-se claro que esse problema não é geral, entre os filhos dos imigrantes nipo-brasileiros. Entre os incidentes constatados nota-se que eles são principalmente com os filhos dos imigrantes nipo-brasileiros que inserem numa escola japonesa sem dominar o idioma e a cultura japonesa; assim como entre os que possuem nomes estrangeiros, e com os mestiços. Os problemas emergem quando essas diferenças, individuais, culturais, passam a ser a fonte para a abordagem negativa e intimidatória das vítimas. Sobretudo, no sistema educacional japonês, que promove e considera como essencial, a uniformidade e igualdade dos estudantes (Shimahara, 1992:26). Em virtude da uniformidade, os próprios estudantes associam de forma negativa, as diferenças, salientes de determinados indivíduos dentro do grupo dominante. Dentro desse tipo de contexto, tem-se a ocorrência do que se denomina *ijime*.<sup>111</sup>

Segundo a definição do Ministério de Educação do Japão (*Monbushō Ijime Mondai Kenkyūkai*, 1997: 3) *ijime* é uma forma de violência unilateral, contínua, que pode ser tanto física quanto psicológica, contra uma pessoa mais fraca. Deve-se tomar cuidado com o fato de

---

<sup>110</sup> Esse tema é um problema social, com dimensões enormes, que vai além do escopo desse livro. Focaliza-se esse tema, por ser mencionado por informantes, que mostram a associação dessas violências com a identidade. Não mencionar esse problema significa, adotar uma atitude passiva perante esses relatos e indivíduos. Dentro dos limites dessa pesquisa, busca-se mencionar esse tipo de problema social, que tomou forma nessas famílias de imigrantes nipo-brasileiros. Consciente de que o Japão, assim como a Holanda, a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, entre outros, estão diante de um desafio em tentar resolver e combater esse fenômeno social que é o *ijime* (*bullying of mobbing*).

<sup>111</sup> A palavra japonesa *ijime* é traduzida no inglês como *bullying of mobbing*. Esses termos, escrito em inglês também são utilizados na língua portuguesa.

que determinados comportamentos ou intimidações possam até não corresponder formalmente a percepção que se tem de *ijime*, porém eles são; ao se considerar o ponto de vista da pessoa que sofre as intimidações, ou seja, a vítima (*Monbushō Shotō Chūtō Kyōikukyoku-chō*, anexo 2). A associação com o *ijime* no Japão se reflete na imagem de malevolência, crueldade e baixeza, e não na de violência, visto que existe a associação com o termo “*yowaimono ijime*”, ou seja, intimidar os mais fracos (Morita, 2002: 119).

Ademais, esse problema social não se restringe apenas a uma cultura única. Assim, ao escrever a palavra *ijime* em japonês na internet, lê-se num primeiro momento, mais de 310.000 resultados.<sup>112</sup> Ao traduzir o termo em inglês para *bullying* tem-se um resultado inicial de 55.300.000. Apenas esse fato indica já a dimensão, que esse tema passou a tomar nas sociedades atuais, independentemente do país ou da cultura em que as vítimas se encontram. Assim lê-se inúmeros casos de *bullying* registrados nos Estados Unidos, na Bélgica, na Inglaterra, na Holanda, entre outros países.

No Japão, compreende-se que esse problema social passou a receber mais atenção na década de 1980 (Naito e Gielen, 2005: 169), quando levantamentos anuais passaram a ser feitos pelo Ministério de Educação sobre a violência escolar (Morita, 2002:108). Embora se compreenda na pesquisa, que muitas vítimas dessa prática, não mencionam a incidência do *ijime*, por medo ou vergonha, sofrendo assim em silêncio. Ademais, observa-se nessa pesquisa que *ijime* se manifesta de formas diferentes. Um dos exemplos é o caso do próximo fragmento:

Lígia:<sup>113</sup>

O meu nome é Lígia, e no japonês não existe o “L” né... na sala de aula as outras meninas e meninos ficavam tirando graça comigo, inventando tudo que é nome pra mim...eu queria mudar o meu nome... queria ter um nome japonês.

Assim como no caso acima, constata-se, que crianças, adolescentes, e mesmo adultos, mencionam o fato do nome estrangeiro chamar à atenção dos japoneses de uma forma negativa.

De acordo com Lee e De Vos (1981apud Tsuda (2003c: 383) muitos coreanos modificaram os seus nomes no Japão para não darem de conhecer aos outros a sua origem,

---

<sup>112</sup> Resultado constatado na internet, através do site da *Google* ao digitar esse termo (acionado em 12 de agosto de 2013).

<sup>113</sup> Lígia tinha oito anos quando migrou para o Japão com os seus pais. Ela é *sansei* (terceira geração de japoneses). Seus pais são ambos filhos de japoneses e falam fluente o idioma japonês. Tanto Lígia quanto o seu irmão mais novo Leo, não possuem um nome japonês.

por serem vítimas no que diz respeito à discriminação e marginalização socioeconômica. Segundo Tsuda, os nipo-brasileiros irão seguir provavelmente um caminho similar no Japão, caso almejem a mobilidade socioeconômica nesse país (*ibid.*). Acrescenta-se que, caso um imigrante também queira se naturalizar japonês, a pessoa em questão é obrigada conforme a lei japonesa, entre outras obrigações e deveres, a modificar o seu nome por um nome japonês.

O nome estrangeiro representa um aspecto cultural associado aqui à identidade brasileira desses filhos de imigrantes, que os diferencia, publicamente, da cultura dominante. O resultado dessa diferença cultural na fase estudantil é constatado através dos inúmeros problemas mencionados pelos filhos de imigrantes, como: as invenções das associações feitas com os nomes estrangeiros, através de comentários desagradáveis e cruéis. Assim como no caso do relato acima, constata-se que são principalmente as crianças e os adolescentes nas escolas japonesas que afirmam pretenderem modificar o nome que eles têm em português, devido à reação negativa e repetitiva, das outras crianças e adolescentes japoneses.

No Japão, muitos filhos de nipo-brasileiros estão registrados tanto com um nome em português quanto em japonês. A fim de não serem identificados como estrangeiros, muitos filhos de imigrantes preferem, caso tenham um nome em japonês, utilizar apenas esse nome no Japão. Evidencia-se, mesmo que seja em um contexto diferente, que esse tipo de comportamento também é comum entre os adultos nessa pesquisa.

Um outro contexto são os casos dos filhos dos imigrantes que não inseriram desde o início no ensino japonês. Similar aos resultados abordados por Yamanaka (2006: 101) constata-se na pesquisa que as crianças brasileiras, que migraram, acima dos nove anos possuem mais dificuldades de acompanhar o ensino da escola japonesa, por causa da falta de conhecimento língua e da cultura japonesa. Entre esses casos, nota-se também a incidência do problema do *ijime*. Esses são na pesquisa principalmente o caso dos filhos de imigrantes que tiveram a base escolar no Brasil. Ao migrarem com os pais, essas crianças, apresentam muitas dificuldades por não compreenderem o material educacional do ensino japonês. Como não conseguem acompanhar o ensino, que nem os outros estudantes japoneses, esses jovens, que muitas vezes não falam bem o idioma japonês, possuem também mais dificuldades de fazer amizades com os outros colegas de turma. Dentro desse contexto, nota-se como esse problema passa a tomar forma.



Lígia:

Não com menina eu sempre fiz amizade né, o melhor é fazer amizade daí eu não tinha problemas... do que ficar quieta num canto, porque se você é estranha e não sabe fazer amizade... daí já começa o *ijime*... é isso... eu sofri muito quando eu cheguei no Japão, por causa do meu nome, e porque eu não sabia falar japonês... eu cheguei aqui eu ia fazer oito anos.. e aqui eu entrei direto na primeira série... então... eu sentia dificuldade... num país que eu não conheço... numa cultura que eu não sabia o idioma, e aí já me faziam isso... eu não sabia muito no começo né... porque eu não entendia japonês quando eu cheguei... mas aí começou por causa do meu nome... e depois foi pra... agressão e parou só quando os meu pais foram reclamar na escola... também... o meu pai, o meu pai que já é muito esquentado, e aí ele ameaçou que se não parasse, ele ia me tirar da escola e... agora eu estou com quinze anos, e comigo eles não mexem muito assim, porque os professores estão de olho, e todo mundo sabe que o meu pai é esquentado, mas tem um menino japonês... gordinho na minha sala, e agora é ele que tem *ijime*... eu passei a defender ele e gritar contra os outros... o importante é você não está só.

Nesse caso nota-se que a interação social e colegial entre os filhos de imigrantes e os filhos de japoneses natos é importante para que se possa evitar esse quadro de exclusão e de confronto verbal e corporal entre as crianças e adolescentes. No caso de Lígia acima, os pais intercederam após Lígia ter contado em casa, que ela não estava mais suportando a situação na escola. A sua reação de falar sobre esse problema não foi imediata. Assim, como outros filhos de imigrantes nipo-brasileiros, Lígia ocultou esse problema dos pais por meses por ter medo das consequências que isso implicaria caso os pais fossem reclamar na escola. O medo de que a situação fosse piorar na sala de aula, fez com que permanecesse calada. Esse tipo de comportamento também é constatado nos outros casos. Nota-se também no fragmento acima, que as diferenças físicas são salientadas e empregadas num tom negativo, como é o caso da obesidade. Compreende-se na fala dos informantes da pesquisa, que o problema do *ijime* emerge na sala de aula, ao apresentarem diferenças, sejam culturais e/ou físicas do grupo dominante na turma. Independentemente de serem filhos de imigrantes ou japoneses.

A incidência de casos, entre os mestiços, é maior na pesquisa e provavelmente no Japão, por serem visivelmente diferentes, como no próximo caso:

Miya: <sup>114</sup>

Ah, por causa dos meus olhos como eles viam que eu não era japonesa e era brasileira, e também era grandona..., eles diziam para mim...pra mim ir embora, perguntavam o que eu estava fazendo lá, porque o que é que eu não ia embora... esse tipo assim... eles falavam, ...eles não me perguntavam.....eu tinha 14 anos... eu acho.. no começo eu não falava nada, mas

---

<sup>114</sup> Miya tem dezessete anos, quando essa entrevista foi realizada. No Brasil parou de estudar aos treze anos na sexta – série, e migrou para o Japão, onde já estavam os seus pais. Primeiramente ingressou numa escola japonesa, mas devido a sua dificuldade em poder acompanhar o ensino japonês do qual não possuía nenhuma base, os seus pais a transferiram para uma escola brasileira.

depois...eu saí da sala de estrangeiro e daí eu passei uns sete meses na sala deles..e no começo foi difícil né... ah, no começo sim...ah, aconteceu de eu sentar num lugar e de todo mundo se afastar, de eu estar passando e deles dizerem que eu não presto, de me trancarem no banheiro, ah., às vezes eu não ligava, mas às vezes dava vontade de chorar né,...de eu ficar lá sozinha...daí eu voltava pra casa cedo e não falava, mas depois eu fui me acostumando lá...de repente eles viram que eu sou boa em esporte, daí um japonês passou a falar comigo e daí eles começaram a falar comigo também...porque se alguém fala os outros também começam a falar né., mas não é assim sempre.. sei lá, eu acho que eles viram que eu não tinha nada demais....agora... quando eu passei para a última série eu passei a fazer assim...de furar a fila, ou de mandar eles (os japoneses) a fazerem coisas do código.... é eu mandava eles fazer. ... eles faziam...eles tinham que fazer, não é que “tinham que fazer”..mas ...porque eu sou senpai (sênior)e eles eram kōhai (júnior)<sup>115</sup>. E assim foi até eu deixar de ir porque eu não gostava mais da escola, eu não me interessava mais...eu não aprendia nada.

Observa-se, como Miya sofreu com a agressão verbal e com o fato de ter sido ignorada. Esses problemas são resultantes do fato de ter a fisionomia diferente, o desenvolvimento escolar fraco, de não falar bem o idioma japonês, e de não ter amizades na turma em que entrou. Esse contexto teve como consequência a incidência de *ijime* e mais tarde, o fato de ter desertado a escola. Por último, nota-se, aqui como o papel vítima/agressor ocorre, entre os jovens que primeiramente sofreram o *ijime*. O que é ainda pior, é que todos esses problemas interagem na perda da motivação desses jovens criando assim um contexto negativo nessa fase da vida desses adolescentes. Sem dúvida no caso de Miya, o fato de não conseguir acompanhar o ensino teve um impacto muito grande na sua motivação, quando o problema do *ijime* passa a diminuir.

O que chama a atenção é que como Miya ia todos os dias à escola japonesa, os pais não tinham nenhuma ideia de que a filha estivesse tendo problemas na escola e nos estudos. Desapontada, Miya explica não ter aprendido muito no ensino japonês por não ter uma base suficiente para acompanhar as aulas, causando assim um desinteresse ainda maior pelo ensino e idioma japonês. Situa-se aqui, que embora Miya e Lígia apresentem casos similares com relação aos estudos e *ijime*, que em ambos os casos, as soluções para os problemas das filhas foram diferentes. Assim, sabe-se que Miya mudou da escola japonesa para a brasileira. Enquanto Lígia mudou de uma escola japonesa para outra, uma vez que terminou o *shōgakkō* (ensino fundamental) e foi para o *chūgakkō* (ensino médio).

Outro caso é o menino Yanosuke. As diferenças nesse caso são as agressões físicas, que vão além da intimidação verbal, constatadas com Miya e Lígia.

---

<sup>115</sup> Senpai (先輩) e kōhai (後輩) são equivalentes a sênior e júnior.

Eu acho que começou porque eles (as outras crianças) pensavam que eu não sabia né, ....que eu não sabia falar... japonês... mas eu não sabia mesmo né,.... e aí eles queriam fazer um tipo assim... eu um brinquedo deles né... então assim daí eles ficam batendo assim em mim né... de dar soco... tipo assim no olho...

Mariko: é, ele chegou com o olho roxo em casa..

Yanosuke: aqui, me batiam na hora do recreio... a professora só falava para parar e acabava aí...

Mariko:... não o problema parou porque o meu marido foi lá na escola e foi com o diretor ..... O Simão (marido) foi lá... com uma outra pessoa uma amiga nossa, que traduziu pra ele em japonês o que ele queria dizer.

Yanosuke: é que na primeira série eu ainda não sabia falar bem japonês.

Mariko: então o Simão foi lá... e aí eles abriram lá um livro com todas as fotos dos alunos e daí ele (Yanosuke) apontou a foto dos alunos... dos meninos que bateram nele, ... e daí mandaram pegar na sala e levar pra presença deles e ...eles pediram desculpa. Aqui é assim...

Mariko: aí ele ficou sem amigos, mas depois desse episódio que aconteceu, eu falei pra ele que ia tirar ele de lá e colocar ele na escola brasileira, mas aí ele não quis sair de lá, entendeu...

E aí eu falei pra ele... como ele é grande... na frente dos nihonjin, né..aí o quê que tinha que fazer, quando eles vierem te bater... revida... foi daí que eles deixaram disso... entendeu... então eles ficaram com medo dele.

Então agora ninguém encosta mais nele, e agora também porque ele sabe falar bem japonês.

Yanosuke: é..nesse que eu não fazia nada, que eu ficava quieto eles diziam que eu fazia um negócio e aí e a professora vinha e me colocava de castigo....porque eu não falava direito japonês.

Mariko: é que nessa época ele ainda não falava direito japonês né... agora não...

Yanosuke: eu tinha... seis anos na época.

Mariko: é as professoras não fazem nada, eles podem ver, eles mandam parar, mas não comunicam para os pais... Só que quem vai lá pra falar é o estrangeiro... então por isso que o Simão foi lá e falou que ninguém mais encostasse no filho dele...

Mariko: porque até então quando eles começavam a querer bater nele, ele já revidava, daí de vez ele passar a apanhar, ele estava batendo, entendeu... agora parou...

Yanosuke: eu tenho 10 anos agora...

Mariko: agora os amiguinhos japoneses vem até em casa pra brincar com ele... mesmo esses que fizeram essas coisas com ele...

Yanosuke: agora não acontece nada... não tem mais *ijime* assim... eles vem e voltam né...é porque já faz muito tempo né e daí a gente ficou amigo... daí eu falei *daijōbu* (tudo bem) né...e aí a gente ficou assim...

Mariko: o engraçado é que... já desde o início ele gostava dessa escola... porque eu falei pra ele: você quer sair da escola japonesa e ir para a escola brasileira? Daí ele disse não, eu quero ficar nessa escola...

Mariko: inclusive agora... uma vez ou outra a gente diz né , ah! vamos mudar de cidade né... a gente já está tanto tempo aqui, daí ele diz: não mãe, eu já sofri tanto na escola e agora que eu tenho os meus amigos, as minhas amizades... vai me tirar pra começar tudo de novo... ele quer ficar aqui mesmo. (Yanosuke e Mariko).

Através desse fragmento da entrevista de Yanosuke, observa-se como as crianças, ainda que sejam pequenas, se comparam continuamente umas com as outras, salientando as diferenças que elas possuem entre si, no contexto das relações sociais. De acordo com a família de Yanosuke, o que causou o *ijime* foi o fato de ser mestiço, novo no grupo e por não dominar na época o idioma japonês e nem a cultura. O problema no de caso de Yanosuke ocorre quando ele passa a ser maltratado pelos outros “coleguinhas” de turma. Exatamente quando o

problema passou para a agressão física é que os pais ficaram à par da situação do filho pequeno. Compreende-se que assim como outras vítimas, Yanosuke também sofreu por muito tempo em silêncio. O motivo do seu silêncio foi o medo de que se falasse em casa, o problema fosse piorar na escola. Assim como Yanosuke, nenhuma vítima na pesquisa mencionou imediatamente o problema de *ijime* em casa ou na escola, sobretudo por não estarem cientes do que é *ijime*. Em alguns casos nota-se que esses informantes se sentem constrangidos ou envergonhados por não dominarem o idioma japonês fluentemente, embora os pais tenham uma outra impressão ou expectativa dos filhos, quando os veem falar japonês.

Apesar de Yanosuke ter tido muitos problemas no início do processo migratório, nota-se que no decorrer dos anos, ele conseguiu superar essa situação na escola. Assim como mencionou no fragmento acima, Yanosuke não sente necessidade de mudar para a escola brasileira e nem para uma outra região no Japão, após ter conseguido fazer amizades com os outros estudantes na escola.

O apoio e a comunicação mais aberta com os pais foram essenciais para poder ganhar confiança em si, e na pessoa que é. Ademais nota-se nas diferentes entrevistas, que a escola japonesa também se empenha na busca da solução desse problema social, quando os pais entram em contato com a escola para tratar desse assunto.

Esse tipo de atitude de se interceder nos problemas dos filhos nas escolas não é geral. Isso não quer dizer que os pais não se importem com o problema dos filhos, mas que eles possuem opiniões diferentes de como se deva lidar com esse tipo de situação. Tem-se casos, dos quais os pais partem do princípio, que esse é um problema da escola e dos filhos, mesmo que os filhos sejam vítimas do *ijime*. O Sr. Tetsuji explica no próximo trecho o porquê que ele acha que não se deva intervir nesse tipo de problema na escola.

Sr. Tetsuji:

Olha a gente tem problemas na escola com o Vinicius... só que aí eu sempre falo pra ele..olha...sendo aqui no Japão ou lá no Brasil..como eu falo pra Dalila [esposa] sempre vai haver isso, sendo aqui ou lá, então o que a gente tem que fazer né, a gente vai ter que ajudar ele a superar...a criar coragem pra poder enfrentar, porque não dá pra gente ficar encobrindo muito...se não vai ficar muito papai aqui e ali...ele vai ter que se virar, ...se não vai ficar falando tudo pro papai, vai ficar muita mamãezado...isso vai ter que sair dele, de se defender... o menino é menor do que ele... o problema é que é briga mesmo lá no colégio, eles brigam mesmo....de um se agarrar no outro... mas esse menino com quem meu filho tá brigando é problemático...e é desde o ichinensei [primeira série]... e aí ainda tem os outros que torram a paciência dele... bom tá ... daí o Vinicius foi de férias agora lá pro Brasil e viu a avó dele e aí... pá... contou tudo pra ela... e daí a vó ficou doida... que é mãe da Dalila, porque desse tipo de problema o meu pai já sabia, porque uma vez o meu pai mandou chamar a mãe desse menino, só que nesse dia eu não estava em casa, daí o velho falou, falou... mas não adianta nada...

porque a mãe não para em casa, é sozinha né... ela é mãe solteira... Depois que eu fui saber... porque ele foi para o Brasil de férias, ele não queria mais voltar para o Japão...depois ele falou isso pra vó dele lá e aí pô... mas foi aí que eu fui saber o porquê... e aí a mãe fala pra ele né [a esposa]... não deixa aí que o papai vai falar lá na escola... mas e aí, o que o Vinicius vai se tornar? Vai se tornar o quê? Uma pessoa super fraca... entendeu isso que eu sempre falo pra Dalila, olha Dalila você pode até chorar, mas tem que ensinar ele a resolver as coisas, tem que dá força... olha... pra homem no Brasil, japonês, era ruim também... o ijime do Brasil é diferente, mas tem, a gente não fica aí falando...mas quantas vezes a gente tem que sair assim pro braço assim...no Brasil...isso porque até a oitava série eu não falava com ninguém... eu ficava lá no meu canto... calado... como eu estava na mesma sala que o meu irmão mais velho, eu só fazia olhar assim... e ele xingava mesmo e ele ia e brigava com outros... então tem isso em qualquer lugar, porque tanto no Brasil quanto aqui você também tem isso, e você é que tem aprender a se virar.

Não apenas Tetsuji, muitos outros pais passam a falar sobre a ocorrência do *ijime* no Brasil, principalmente o verbal. Ao fazerem a correlação dessa realidade com o tempo em que estudavam no Brasil. A ocorrência de palavras cruéis, ou associações feitas com os nomes não são apenas no Japão. Da mesma forma, informantes, homens e mulheres citam esse tipo de ocorrência no Brasil, como se de repente o problema dos filhos tenha-os, conscientizados de algo, que eles também não compreendiam no passado.

Tetsuji parte do princípio de que o filho tem que resolver os seus problemas por si próprio na escola. Ao se referir que esse não é o papel dos pais. No entanto, toma uma outra postura, quando o filho menciona não querer mais voltar para o Japão, após ter ido de férias ao Brasil. Ao mesmo tempo, compreende-se que o confronto com esse problema dos filhos no Japão, torna-os também conscientes de que embora as características sejam diferentes, que esses imigrantes também foram caçados no Brasil, ou vítimas de associações desagradáveis, agregadas as características da fisionomia da identidade japonesa. Ao contar sobre o problema do filho no Japão, Tetsuji reflete, sobre a sua própria experiência.

De acordo com Tetsuji, esse problema só vai parar, se o filho deixar de mostrar sinais de medo. Porém, esse tipo de controle só é possível, quando a vítima tem a capacidade de resolver essas situações por si próprio (Morita, 2002: 120).

Vinicius é mestiço. Ele é alto, forte, de olhos verdes e puxados com o cabelo claro e encachado. Apesar de falar japonês e português, e de morar no Japão desde os três anos de idade, Vinicius menciona sempre ter sentido dificuldades de fazer amizades com os outros japoneses na escola, por ser ridicularizado pela sua aparência e pelo seu nome. Porém, diferente de outros estudantes nipo-brasileiros, Vinicius afirma não querer mudar o nome.

Vinicius entrou com bons resultados no *chūgakkō* (ensino médio), porém ele não faz planos de futuro no Japão. Assim, ele comenta sonhar em migrar do Japão para um outro país, para ser jogador de futebol. Ele, não é o único que menciona sonhar com um futuro fora do Japão. Lúcia, Miya, Leo também comentam preferirem migrar para o Brasil.<sup>116</sup> A diferença é que Vinicius não tem os mesmos problemas de aprendizado, como os outros três casos. Comentários como: “...porquê você não volta para o lugar da onde você veio...porquê você está aqui?” são mencionados por esses informantes sem exceção. Esse tipo de ocorrência tem como resultado um comportamento adverso a sociedade dominante. Assim, nesses casos, observa-se que os filhos desses imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros sonham em migrar para o Brasil, mesmo que os pais, prefiram ficar no Japão. Se isso ocorrer de fato, nota-se mais uma vez o movimento contrário dentro desse fenômeno migratório.

Ao contrário desses casos, o cenário dos outros filhos de imigrantes nessa pesquisa é diferente. Como os outros não se encontram nesse tipo de situações de marginalização e alienação, a probabilidade deles se identificarem com a sociedade dominante é maior. Como é de fato o resultado constatado entre os outros jovens. Destaca-se que, esses são os filhos nipo-brasileiros, com a fisionomia japonesa, nomes japoneses, nascidos no país, ou que moram desde pequenos, e que não apresentam diferenças físicas salientes. Para esses informantes, esse tema passa despercebido. Em contraste com esses jovens que se integram facilmente no quadro da sociedade dominante, nota-se, que os efeitos do encontro étnico são maiores, entre os mestiços, e entre os, que apresentam características da identidade brasileira.

A pressão da sociedade dominante, em procurar manter um quadro homogêneo, é sem dúvida notável nas escolas japonesas, onde a uniformidade é vista como um critério importante.

#### **4.5.2.4 O contato físico e o idioma português**

De certo modo, na medida que os filhos dos imigrantes crescem e passam a frequentar o ensino japonês, nota-se que eles passam a se conscientizar das diferenças culturais existentes dentro das suas famílias em comparação com a sociedade dominante. As reações dessa segunda geração de imigrantes são ilustradas nos próximos trechos:

---

<sup>116</sup> Das 21 crianças e adolescentes dos estudos de casos, 4 mencionam sonharem em migrar para um outro país.

Sra. Fabiana Yokohama:

...a minha filha é bebezinha ainda, mas eu falo português com ela. ... não, ela não vai pra creche, fica com os avós. ...o que eu sinto aqui é que tem muita criança que fica com vergonha da gente, se você falar em português com eles na rua... eles abaixam a cabeça e andam adiante... Eles têm vergonha de que os amiguinhos falem alguma coisa... eles realmente tem vergonha... isso é não é o futuro que eu quero na minha família.

Um outro caso é ilustrado por Silvana Yamada:

O engraçado... é que a minha filha não quer que eu fale português em público na frente dos amiguinhos dela. Ela morre de vergonha. Eu acho que ela fica com medo de ser rejeitada na escola, sabe... Nem o beijinho no rosto ela quer que eu dê em público. No meu caso, a minha filha não quer ir de jeito nenhum para o Brasil, ela não fala quase nada de português e só come comida japonesa... Eu escolhi ficar aqui também por causa dela... que estuda agora numa escolinha japonesa, mas quando ela for independente, eu poderei decidir o que eu quero...mas eu acho que ela vai optar em ir com a gente para o Brasil, porque ela cresce nesse ambiente da gente... aqui... Outro dia, eu fui para a reunião na escola dela... eu acabo falando português, e ela fica com vergonha... Eu acho que é porque o japonês tem essa mania de ser superior... Se você fizer algo diferente, eles estão lhe reparando o tempo todo..."

Esses trechos ilustram exemplos concretos de como a construção da identidade dos filhos de imigrantes se desenvolve, perante aos pais, nas ruas, nos parques e nas escolas japonesas. Os filhos dos imigrantes nipo-brasileiros estão cientes das diferenças culturais, as quais eles evitam de mostrar, publicamente, em conexão com o grupo dominante na sociedade. Na prática, eles evitam o carinho do beijo no rosto ao se despedirem dos pais na escola, e se envergonham quando os pais ou conhecidos falam em português com eles em lugares públicos. Por serem costumes que determinam uma outra identidade do que a japonesa, ou seja, a de serem *gaikokujin* (estrangeiros), filhos de *dekasegi* da América do Sul. Esse comportamento reflete a vergonha e o receio que essas crianças e jovens sentem com relação às diferenças culturais que são geralmente associadas de forma negativa. O medo da rejeição dos outros colegas leva os imigrantes da segunda geração a se distanciar da cultura dos pais, sobretudo, quando se encontram num ambiente público cercado por japoneses.

Um caso semelhante é reportado por Kawakami (2001: 261-264) sobre os filhos dos imigrantes vietnamitas no Japão. Esses jovens vietnamitas mostram um comportamento negativo e de vergonha perante aos pais, devido à língua e à cultura vietnamita não ser respeitada e ter uma associação negativa na sociedade japonesa e nas escolas. Assim como os nipo-brasileiros, os filhos de imigrantes vietnamitas também rejeitam publicamente aspectos culturais associados à identidade vietnamita que eles têm em relação à sociedade dominante.

Observa-se que as crianças que assimilam desde cedo as normas e os valores da cultura do país para onde migram, possuem a maior probabilidade de se identificar com a cultura desse país. Tal identificação, porém, depende nesta pesquisa também do fenótipo japonês, uma vez que se constata os casos dos que se sentem rejeitados pelos outros colegas de sala por serem mestiços.

#### **4.5.2.5 As dificuldades na integração no sistema escolar japonês**

Não apenas os filhos de imigrantes nipo-brasileiros possuem problemas em integrar no ensino japonês. Compreende-se que esse problema se repercute também no ensino japonês entre os filhos de expatriados japoneses, denominados como *kikokushijyo* (帰国子女 = crianças repatriadas).

Apesar das tentativas dos pais expatriados em procurar manter os costumes japoneses em casa, adotando um ritmo de vida compatível com a rotina de vida que tinham no Japão, ou seja, da esposa que toma conta de casa e dos filhos, enquanto o marido trabalha fora, mesmo assim, constata-se que quando essas famílias retornam, que essas “crianças repatriadas” passam por dificuldades por não conseguirem integrar novamente no sistema escolar japonês (Yamanaka: 2006: 103; Cunningham: 1988; Tsuneyoshi, 2011b).

Configura-se então, duas situações distintas porém paralelas. Ou seja, de um lado, tanto os filhos de imigrantes nipo-brasileiros quanto os próprios adolescentes japoneses com experiência no exterior, possuem problemas de integração no sistema educacional japonês. Contudo, em torno desses dois grupos que retornam para o Japão, existe uma diferença na percepção da imagem e no status (Tsuneyoshi, 2011b: 132-133). De acordo com os resultados da pesquisa conduzida por Sekiguchi (2003: 92-93) sobre a comparação da imagem dos expatriados e dos imigrantes nipo-brasileiros no Japão, o autor constata sobre o grupo dos expatriados a imagem seguinte: elite, pessoas inteligentes, idioma inglês, país desenvolvido, enquanto, em relação à imagem dos imigrantes nipo-brasileiros é: *dekasegi*, idioma português, país em desenvolvimento. Isso mostra que a posição social na sociedade japonesa, a educação e os países de procedência que são associados aos dois grupos são diferentes (Tsuneyoshi, 2011b: 132-133), mesmo que ambos os grupos apresentem problemas de integração no Japão.

De acordo com as regras curriculares de orientação no ensino japonês, não se faz diferença se os estudantes são estrangeiros ou japoneses, isto quer dizer que os professores ensinam esses jovens da mesma forma (Shimizu e Shimizu, 2001; Shimizu, 2006). Esse é



exatamente o problema que a segunda geração de imigrantes enfrenta quando apresenta desvantagens nas habilidades de comunicação oral e escrita no desenvolvimento escolar. Esse problema forma um desafio no ensino atual quando esses professores japoneses lidam com a coexistência dos filhos dos imigrantes nipo-brasileiros nas suas salas de aula.

De acordo com os resultados esse quadro é similar entre os filhos de imigrantes nipo-peruanos no Japão (Moorehead, 2010). São principalmente os jovens, filhos dos imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos, que não foram inseridos desde o início nas escolas japonesas, os mais prejudicados com relação à essa questão.

#### **4.5.3 Nem o ensino brasileiro, nem o ensino japonês**

Um terceiro cenário que se observa na migração de “retorno” é o caso dos desertores. Uma situação alarmante que chama a atenção por envolver um grupo de jovens da segunda geração de imigrantes. Ilustrando esse aspecto segue o caso seguinte:

Sr. Betão:

Tem aqueles que vêm com a família inteira pra cá... Quando eles vêm com os filhos, muitas vezes as crianças adolescentes ficam órfãos, pois nem o pai e nem a mãe os orientam...cada um vai para um lado trabalhar e os filhos acabam entrando na criminalidade. Esse é o pior problema. Os adolescentes não têm orientação e se metem em confusão... De quem é a culpa desse problema? O governo japonês não dá uma orientação para essas pessoas. Os japoneses estão mamando aí nesse pessoal, mas não dão apoio... a estrutura da escola japonesa é muito rígida. Há muita dificuldade, principalmente quando são jovens... eles ficam rebeldes...a escola chama os pais, mas eles não vêm e depois de um tempo esses adolescentes deixam as escolas e os pais nem se importam. Isso é um problema muito grande. Quando as crianças vêm para cá pequenas elas conseguem se adaptar melhor... sem falar no problema do *ijime*... os brasileiros também são alvos disso aí.

O trecho dessa entrevista expõe o contexto de desamparo de muitos casos de crianças e adolescentes, imigrantes no Japão, que sofrem as implicações da falta de atenção e suporte dos pais que, de acordo com o informante priorizam as longas jornadas de trabalho ao invés da educação dos filhos. Nos Estados Unidos, por exemplo, constata-se esse mesmo tipo de problema dentro do contexto familiar dos imigrantes mexicanos, que são ilegais no país (Bacallao e Smokowski, 2007: 64).

Por um lado, compreende-se no resultado da pesquisa de Tsuneyoshi (2001: 133), que os professores japoneses se queixam das famílias de imigrantes nipo-peruanos no Japão, por priorizarem o trabalho e os ganhos, em vez da educação dos filhos. Uma percepção que é semelhante com relação às famílias nipo-brasileiras no Japão (Ishikawa, 2009: 71). Por outro

lado, Kōkichi Shimizu e Mutsumi Shimizu (2001: 207-209) explicam que os pais não conseguem dar assistência aos filhos por causa do cansaço, após as longas jornadas de trabalho. É óbvio aqui que existe uma diferença na percepção de como os japoneses se referem a essa questão com relação às famílias de imigrantes *nikkei* no Japão.

Na pesquisa, observa-se através dos relatos dos pais<sup>117</sup> e dos filhos um cenário mais amplo e complexo, em que as expectativas dos pais não são compatíveis com a realidade dos filhos, por exemplo, ao pressuporem que os filhos tenham um bom desenvolvimento escolar por terem aprendido a falar o idioma japonês. Contudo, aprender a falar o idioma japonês não significa também que tenham o mesmo desenvolvimento no aprendizado da escrita e leitura dos caracteres. Ishikawa (2009: 71) constata um quadro similar na sua pesquisa com relação às expectativas dos pais nas famílias nipo-brasileiras, que vivem numa outra área geográfica no Japão.

Um outro ponto que chama a atenção é a percepção dos pais que presumem que ir à escola significa aprender. De maneira oposta, os filhos explicam que ir à escola não indica que consigam acompanhar as aulas, e que se vão ou não à escola para eles não faz muita diferença. Através dos casos dos estudantes desertores compreende-se que os pais presumiam que os filhos estivessem indo à escola, só pelo fato deles vestirem a farda do colégio e partirem no horário de sempre de casa, enquanto eles iam para o trabalho. Por último, compreende-se também que os pais pressupõem que os filhos tenham condições de aprender mais facilmente por serem jovens, acrescentando que deveriam conseguir isso, visto que não eles têm outras preocupações, a não ser com os estudos.

Nota-se que os pais por um lado priorizam o trabalho, por outro lado esse aspecto também mostra a posição instável e vulnerável desses imigrantes, sobretudo, os que realizam trabalhos temporários, embora se tenha constatado esse tipo de atitude também entre alguns imigrantes com o contrato fixo. De qualquer forma, os imigrantes procuram cumprir as horas de trabalho dos contratos fixos ou temporários para que consigam manter a família, ou para atingir os objetivos pelos quais migraram.

O que chama atenção é que os imigrantes não estão conscientes das dificuldades e dos problemas dos filhos ao serem inseridos no ensino escolar japonês. Esse quadro é proveniente

---

<sup>117</sup> Nesta parte não se incluirá determinadas falas dos pais, abordando-se o quadro de forma geral, dado que os pais pediram discrição.

das diferenças nas percepções e presunções mantidas pelos pais, de que os filhos têm que criar responsabilidade e de que devem estar aptos a resolver os seus próprios problemas.

É importante compreender que o ensino japonês visa e proporciona a educação no Japão, de forma igual e uniforme para todos, independentemente de serem japoneses ou estrangeiros (Shimizu, 2006). Nesse sentido, muitos dos nipo-brasileiros no Japão que não conseguem acompanhar as aulas e acabam abandonando os estudos por causa das dificuldades na escola (Sato, 2001: 155). Apesar de não se ter um número concreto do número de desertores, entende-se que esses são, especialmente, os filhos de estrangeiros no Japão (Maeda, 2007). Ao contrário das crianças japonesas, o ensino não é obrigatório para as crianças estrangeiras. Assim, não se têm dados corretos, especificando o número de crianças que desertaram no Japão, ou que não se inscreveram no ensino. Um problema que é associado à responsabilidade dos próprios pais dessa segunda geração de imigrantes (Ninomiya, 2002: 251).

Os desertores na pesquisa são os filhos dos imigrantes que, não conseguiram dominar a língua oral e escrita com desenvoltura e que sofreram paralelamente problemas sérios de *ijime*, como é o caso de Miya.

Miya entrou primeiramente numa classe de preparação oferecida aos estrangeiros que, não falam o idioma japonês. Lá teve um conhecimento básico do idioma japonês por alguns meses, antes de entrar na série japonesa que correspondia a sua idade. A mudança da classe de estrangeiros para a classe no sistema educacional japonês representa para ela até hoje um grande choque cultural, do qual afirma ter tido muitos problemas. Ao refletir sobre essa fase, ela explica:

Miya:

Ah, não no começo... até que era legalzinho (na escola japonesa) e eu gostava mas depois, eu faltava muito, não era...assim sabe, porque eu não gosto de japonês...uhm... quando eu comecei a conviver com eles... porque logo que eu entrei na escola eu fiquei numa sala de estrangeiro, tá...daí eu não tinha contato com eles, mas com as outras brasileiras, que já estavam lá... então por eu ser nesse caso nova né, daí eu saí dessa turma [de estrangeiros]... pra ir pra sala deles [japoneses] e aí eles começaram a fazer piadinhas..é um moleque e mais umas meninas... ah, por causa dos meus olhos, como eles viam que eu não era japonesa e era brasileira e também era grandona... eles diziam ..pra mim ir embora... perguntavam o que é que eu estava fazendo lá, porque é que eu não ia embora... esse tipo de coisa assim.... eles falavam, ...eles não me perguntavam...eu tinha 14 anos... no começo eu não falava nada, porque eu não sabia falar assim... mas depois...eu fazia...tudo o que me fizeram... ah, eu também trancava elas no banheiro, assim como ela fizeram comigo, e que nem elas faziam com as outras... ah, no começo foi difícil sim... aconteceu de eu sentar num lugar e de todo mundo se afastar, de eu estar passando e deles dizerem que eu não presto, ah... às vezes eu não ligava, mas às vezes dava vontade de chorar né... de eu ficar lá sozinha...daí eu voltava pra casa cedo e não falava... eu fui me acostumando.

Vários problemas tornam Miya um alvo para o *ijime*<sup>118</sup> (*bullying ou mobbing*), ao seu ver foram o fato de ser nova na turma, não falar bem o idioma japonês e por ser considerada uma estudante fraca. Ademais para ela o fato de ser mestiça tornou-a visivelmente diferente dos outros estudantes japoneses na sua turma. De acordo com as adolescentes, Lucia e Miya, o fato de não conseguirem seguir as aulas no ensino japonês, dá-se também por terem sido inseridas no ensino de acordo com a idade escolar, em vez do nível de japonês que elas têm.

No caso de Miya, como ela só possuía o conhecimento básico do idioma japonês, o seu nível de instrução era insuficiente para poder acompanhar adequadamente as aulas que eram ministradas em japonês. Ao ser inserida aos 14 anos no ensino da escola pública japonesa, Miya não consegue acompanhar o nível das aulas, perdendo assim a motivação e o interesse pelos estudos. Entende-se nos seus relatos que, ela deixa aos poucos de ir à escola, sem mencionar nada em casa sobre os seus problemas, até o momento da escola ter entrado em contato com os pais pelo telefone para perguntar o motivo da ausência da filha, uma vez que o ensino nessa fase escolar é compulsório. Como não houve nenhum contato dos pais com a escola para justificar a ausência da filha, é comum no Japão, do professor entrar em contato com os pais para saber a razão da ausência do estudante. Um fato que mostra que o ensino japonês também está mudando, com relação à questão da deserção das crianças estrangeiras.

O que se verifica no caso de Miya é que a perda da motivação nos estudos está ligada a uma conjunção de fatores: o nível das aulas, a barreira da língua, as diferenças culturais e a questão de *ijime*. Entende-se que, embora Miya tenha apresentado um comportamento diferente em casa, é somente após a visita a escola, que ela relata na presença dos pais, do professor e de uma tradutora, os seus problemas na escola. Em suma, essa fase na vida de Miya encerra com a decisão dos pais de transferir a filha da escola japonesa para a escola particular brasileira. Essa nova tentativa de estimular a filha a estudar não teve, porém um resultado positivo, posto que Miya se sentia estagnada, pelo fato de estar repetindo os assuntos das matérias que já havia aprendido no Brasil antes de migrar.

Esse tipo de exemplo ilustra simultaneamente quem são os imigrantes da segunda geração que possuem a maior probabilidade de desertarem. Se, por um lado, essa segunda geração que se encontra nessa situação possui uma base no idioma japonês, por outro lado, entende-se que essa base não é suficiente para que possam acompanhar os estudos. De

---

<sup>118</sup> A palavra japonesa *ijime* é traduzida no inglês como *bullying of mobbing*. Esses termos, escrito em inglês também são utilizados na língua portuguesa. A questão do *ijime* e da identidade será tratado no número 4.4, separadamente.

qualquer forma, esse é o pré-requisito para que possam ser matriculadas no ensino das escola pública japonesa.

Ao analisar os dados nota-se uma certa convergência nas características e implicações de como esse cenário de deserção emerge. Observa-se nos três casos constatados no decorrer dos sete anos, que embora os pais tenham tomado as medidas possíveis para tentar reverter a situação, que o êxito foi por tempo limitado.

Descreve-se abaixo o ambiente desfavorável dentro do âmbito escolar japonês, que interage na desmotivação dos jovens:

Miya:

Na escola japonesa era difícil né, eu não fazia nada, porque eu ia pra escola e eu não aprendia muito assim, eu não fazia teste, não fazia nada, e daí eu ficava ali o dia inteiro sem fazer nada... eu não entendia!! ... eu posso até me arrepender, mas eu aprendia mais a falar assim com eles [japoneses] por ter que me defender né... do que na aula... eu aprendi assim o básico durante o ano que a gente aprende numa classe separada, aí você até aprende um pouco, mas depois... na classe com os japoneses... uhm... (levanta os ombros).

Um outro caso na pesquisa é Leo: "...se a gente vai ou não para as aulas, qual é a diferença que isso faz?"

Constata-se entre os jovens nessa situação reações de frustração, desamparo e revolta contra a sociedade receptora e/ou contra os pais. A frustração do baixo rendimento por não conseguirem acompanhar o ensino e de sentirem que precisam apenas estar ali fisicamente presentes, mesmo que não estejam aprendendo nada, tem como resultado a perda de motivação. Outro resultado também constatado é o isolamento desses jovens nas classes de aula e a falta de amizades que elas têm na escola.

Compreende-se nas entrevistas dos filhos e dos pais, que esse problema passa por um tempo despercebido dentro da estrutura familiar. Ao serem comunicados sobre a ausência dos filhos na escola, as reações dos pais mostram uma certa perplexidade, o que os leva a associar o problema inicialmente apenas com à escola. Não levando em consideração que esse problema também reflete à falta de orientação e controle deles e o enfraquecimento dos elos familiares, que é causado pela falta de contato com os filhos, devido às longas jornadas de trabalho.

Apesar das diferenças nos comportamentos dos filhos que se encontram nessa situação, constata-se que essa situação desfavorável também torna propício o surgimento de um outro problema: a possibilidade do desenvolvimento da identidade de uma forma negativa por ser

baseada na rejeição, no medo, na marginalização desses jovens. Em suma, esse contexto desfavorece a assimilação à cultura japonesa. De forma similar, esses mesmos tipos de evidências e comportamento são constatados entre os filhos de imigrantes africanos, caribenhos, asiáticos e latinos em outras partes do mundo por se sentirem marginalizados nas sociedades onde se encontram (Suarez-Orozco, 2002: 107).

A perda da motivação nos estudos reflete a alienação e a falta de perspectiva desses jovens na sociedade japonesa.

De acordo com o resultado observado nos estudos de casos, nota-se que a intervenção e as medidas tomadas pelos pais, nem sempre têm o efeito esperado. Principalmente, quando o problema é associado ao baixo rendimento escolar, devido à falta de domínio no idioma japonês. Na pesquisa, apenas em um caso a situação conseguiu ser revertida na escola japonesa, quando a mãe deixou de trabalhar fora de casa.

Esses casos são exemplos concretos que ilustram as implicações e as consequências do processo migratório para os filhos de imigrantes, especialmente, dos que não entram na escola japonesa na idade de 6 anos. Ademais, num país onde se acredita no mito da “homogeneidade”, nota-se claramente a marginalização desses filhos de imigrantes nipo-brasileiros, que possuem poucas perspectivas de ter um futuro melhor do que os pais.

Por causa da falta de uma base sólida na formação escolar, tem-se uma perspectiva de que esses jovens serão provavelmente o novo fluxo de trabalhadores, que assim como os seus pais, realizarão os trabalhos de mão de obra não qualificada.

#### **4.5.4 O ensino dos filhos no Brasil**

Um quarto cenário é a opção dos pais de enviar os filhos para irem estudar no Brasil, enquanto continuam trabalhando no Japão (Van Rompay-Bartels, 2010: 607). Essa opção reflete um cenário complexo e diversificado que fortifica o sonho do regresso e da estada temporária no Japão. Assim:

Sra. Satomi:<sup>119</sup>

No nosso caso, não estava dando pra guardar mais, sem falar que eles não estavam querendo falar mais português, porque estavam na escolinha japonesa e daí a gente pensou em mandar eles na frente para o Brasil para ficar com a minha mãe, assim a gente ia ficar aqui por mais um ano ou um ano e meio trabalhando... A gente manda dinheiro para manter eles lá e pra pagar a escola, e liga sempre que pode.

Durante uma outra entrevista com Ema e uma terceira pessoa<sup>120</sup>, constata-se que a imigrante passou a considerar a mesma opção com o marido, após o filho ter entrado na escola. Observa-se como as horas extras de trabalho (*zangyō*) são importantes para os imigrantes que sonham com o regresso para o Brasil. Sem essas horas, essas famílias precisam continuar por muito mais tempo trabalhando no Japão. Dentro desse contexto, Ema que auxilia uma família conhecida explica as dificuldades e a vida difícil que outras famílias de imigrantes enfrentam no país:

A creche brasileira cuida bem, é caro né... mas dá toda a assistência né. Ela dá banho, ela faz o “bentozinho”<sup>121</sup> (a palavra japonesa correta é *bentō*, que significa lanche ou marmita) ... uma criança não dá pra deixar assim sem uma refeição balanceada... ela faz um “bentozinho” pra ele comer a noite em casa, porque às vezes não dá tempo da mãe dele fazer... e essa senhora [da creche brasileira] cuida né... tem criança que fica até 23:00 horas com ela.

Ema comenta como ela procurou dar auxílio, quando o marido da colega teve que ir ao Brasil:

Quando ela ficava até de madrugada trabalhando porque o marido estava no Brasil, daí ela pedia pra mim ir dá uma olhadinha no filho dela... eu ia lá, às vezes eu via que ele tinha jantado, mas na hora que ele tinha que ir pra cama, chegava a dar um aperto no coração... eu colocava ele na cama, apagava a luz e fechava a porta e aí ele ficava sozinho né, porque ele não podia fazer muita coisa... na época o marido estava no Brasil... e ela tinha que trabalhar porque senão não dava pra pagar as contas... às vezes ela ia até meia-noite. É difícil né... tem muitos casos assim, casos de pai e mãe que deixam os filhos no Brasil, porque não dá pra juntar com a criança... e aí, eles deixam os filhos no Brasil com os avós... essa decisão né, de deixar os filhos no Brasil, e de ficar com o marido aqui, porque eles não estão dando conta de juntar... Isso é um

---

<sup>119</sup> Entrevista avulsa com uma nipo-brasileira de Tochigi realizada em Tóquio. Essa entrevista faz parte do quadro das entrevistas qualitativas avulsas ( $N=36$ ). Essa informante foi a primeira pessoa na pesquisa que mencionou ter enviado os filhos para morar com familiares no Brasil, a fim de que pudesse com o marido juntar o mais rápido possível a quantia almejada para o regresso. Assim para eles a medida adotada com relação aos filhos garante ao mesmo tempo a educação brasileira idealizada pela família e facilita o regresso dos pais. Apesar de ter sido uma decisão inesperada, sobretudo, por nunca ter imaginado ter que ficar por tanto tempo longe dos filhos. Entende-se que após terem enviado os filhos para o Brasil, que o regresso foi posposto várias vezes por não terem conseguido atingir o objetivo financeiro visado por ela e o marido. Na época da entrevista a família já estava separada há mais de dois anos, embora tenham planejado se reunir novamente no Brasil após um ano.

<sup>120</sup> Prefere ficar anônima, não acrescentando assim maiores detalhes dessa família nipo-brasileira, que possam identificá-los.

<sup>121</sup> *Bentō* =lanche, porém nesse caso houve a formação de uma nova palavra, no caso bento + zinho significa um pequeno lanche servido, nesse caso, para crianças que estão na creche.

sacrifício de ficar sofrendo aqui por um tempo de um ano ou mais... pra ver se se cansa da vida daqui pra poder voltar e ficar juntos novamente... é complicado né, é uma situação complicada mesmo...Ah, eu penso que eu não teria coragem de mandar as minhas filhas para o Brasil,..pra mim se tiver que sofrer, que sofra então todo mundo junto, eu prefiro que fique todo mundo junto, que fique unido, se for pra ir para o Brasil que vá todo mundo para o Brasil, mas que fique junto. E se ficar no Japão que fique todo mundo no Japão...mas você também vê aqui que tem muito marido que está separado da família pra juntar dinheiro. Com a família lá no Brasil e o marido aqui.

Provavelmente a maior parte desses casos estão relacionados à dificuldade de se conseguir juntar o capital necessário para o regresso para que não precisem retornar mais para o Japão. Uma realidade que se constata em outros casos de imigrantes, que fazem parte do movimento pendular de ida e volta. Entende-se que, são as horas extras que propiciam que os imigrantes consigam juntar a quantia estipulada. Contudo, esse processo é mais lento nas famílias, devido às despesas serem maiores. Um dos custos considerado alto nos parâmetros de vida dos imigrantes é a creche, sobretudo, a brasileira. Por essa razão, as famílias que se encontram nessas situações possuem mais dificuldade de regressar para o Brasil num curto espaço de tempo, uma vez que não se consegue mais atingir os objetivos estipulados ao terem migrado, de regressar capitalizados após um determinado espaço de tempo de um a três anos no Japão.<sup>122</sup>

As famílias que se encontram nessa situação tomam a decisão de enviar os filhos para o Brasil por razões econômico-financeiras e culturais. Sem as horas extras, não sobra muito dos salários desses imigrantes para que possam guardar. Além disso, entende-se também que nesses casos, os pais possuem em comum o fato de terem geralmente o mínimo ou nenhum conhecimento do idioma japonês. Nesse sentido, ao migrarem com os filhos, ou com o aumento da família no Japão, a situação deles passa a complicar ainda mais, sobretudo, se essas famílias optam pelo ensino japonês por ser mais barato. Apesar de se compreender que essa opção é muito viável, dado que o ensino é público, e tem uma mensalidade baixa, ou seja, não é grátis.<sup>123</sup> Em comparação, porém, com a mensalidade da escola particular brasileira que tem uma mensalidade de aproximadamente de 50,000 yen (500 dólares) por mês, a escola pública é mais acessível para essas famílias de imigrantes, que visam atingir os objetivos econômico-financeiros e que por essa razão buscam as longas jornadas de trabalho através do *zangyō*. Consequentemente, muitos perdem tanto em casa, quanto fora, o controle

---

<sup>122</sup> De acordo com os entrevistados, de forma geral o tempo de estada estipulado ao migrarem foi de um a três anos. Apesar de todas os informantes na pesquisa estar na prática por mais de três anos no Japão.

<sup>123</sup> A mensalidade de contribuição na escola japonesa é de aproximadamente 6,000 yen, o que corresponde a 60 dólares por mês.



da educação dos filhos, devido à falta de contato e orientação. As implicações da escolha do ensino japonês possuem um impacto também na comunicação com os pais, dado que os filhos deixam de falar o idioma português. Compreende-se, então, que a solução viável encontrada por essas famílias de imigrantes é a de enviar os filhos para o Brasil para serem educados por familiares. Dessa forma, eles fortificam o sonho do regresso, enquanto se asseguram ao mesmo tempo da educação dos filhos no sistema educacional brasileiro.

Sra. Kozue e Sr. Akio:

Ah, a gente tem um casal de filhos... eles moram agora com a minha mãe lá no Brasil... eu morro de saudades deles...mas não estava dando para eles continuarem aqui... a minha filha não me entendia mais direito, uhm...ela só respondia em japonês e a gente não estava conseguindo se entender mais direito...é triste você não conseguir mais falar com os seus próprios filhos... o meu filho ainda respondia mais, mesmo assim a gente viu que a gente tinha voltar, mas ainda não dava, daí a gente decidiu enviar eles pra minha mãe....pelo menos eles já estão no Brasil aprendendo direitinho na escola brasileira, do que aqui na escola japonesa... já faz agora quase dois anos que a gente ainda está aqui na luta, mas eu acredito que a gente vai ficar por mais um ano e daí a gente volta definitivamente pra lá pra ficar com eles... ah, é tão difícil, mas não tem outro jeito sabe.

Essa decisão permite os pais de trabalhar por mais tempo e horas por dia, a fim de que possam juntar mais rapidamente a quantia estipulada para o regresso ao Brasil, mesmo que essa estada seja prolongada indefinidamente. Como no caso de Kozue e Akio, há várias outras famílias nas redondezas que se encontram numa situação semelhante.

As motivações desses pais refletem um processo de decisão baseado na interação de aspectos de ordem cultural, econômica e social de um movimento de “retorno” temporário. Então, de um lado, os pais permanecem no Japão, de onde enviam mensalmente remessas para cobrir as despesas dos filhos que estão sob a tutela de um outro membro da família no Brasil. Esse tipo de situação também é constatada na migração de “retorno” dos Tonga (Lee, 2009: 50).

Apesar de não se constatar esse cenário acima abordado nas literaturas sobre os nipo-brasileiros utilizadas nesse trabalho, isso não quer dizer que se trate de um fenômeno novo. Suarez-Orozco (2002: 29) constata esse tipo de medida, de se deixar os filhos no país de emissão com familiares, enquanto os pais trabalham em um outro país, é comum quando a estratégia migratória é temporária.

É interesse reter que, as consequências desse processo não são mencionadas pelos pais, que interpretam essa separação como passageira. Nas histórias dos informantes, as

informações sobre as consequências e o impacto que essa separação causa na relação com os filhos são omissas nas entrevistas.

O enfoque nos discursos desses pais é geralmente o estresse, posto que não conseguiram conciliar as longas jornadas de trabalho com a educação dos filhos no Japão, e o fato de terem tido muitos problemas por causa das diferenças culturais, que passaram a notar após os filhos terem se adaptado ao ensino japonês, tendo como resultado o distanciamento dos filhos.

Ao enviarem os filhos para o Brasil, compreende-se que o papel dos pais é substituído pelos avós, ou tios que passam a ser os educadores dos filhos desses imigrantes. Apesar de serem as pressões econômicas e culturais que influenciem esse processo, nota-se aqui que outros fatores também contribuem na reestruturação temporária dessas famílias. Ou seja, a configuração do papel que os laços de famílias exercem dentro da migração. Esses laços de famílias propiciam uma estratégia por atuarem como redes sociais, dando suporte a migração dos outros membros. Assim, a migração passa a inserir ativamente um grupo de pessoas num contexto transnacional (Rivera-Salgado, 2000: 136-137; Faist, 2010: 9), mudando as características iniciais desse movimento para esse grupo de migrantes.

Esse tipo de fenômeno voluntário do papel de suporte dos laços sociais que unem os migrantes e não migrantes nas comunidades receptoras e emissoras também é visível na migração do México para os Estados Unidos (Massey, Alarcon, Durand e Gonzalez, 1987: 139-140); na migração de “retorno” dos Tonga (Lee, 2009: 41-58).

Diferente do cenário exposto acima sobre as famílias de imigrantes que enviaram os filhos para viver e estudar sob a tutela dos familiares no Brasil, não se observa no quadro fixo da pesquisa esse tipo de caso. Ainda que essas famílias estejam cientes de outras que tenham tomado tal decisão, ou que estejam considerando essa medida como uma alternativa para juntar mais rápido a quantia estipulada para o regresso.

Ao perguntar aos casais das famílias do quadro fixo sobre essa possibilidade, constata-se claramente que são as esposas as que mais se preocupam com o impacto que esse tipo de separação, ou mesmo que o regresso repentino para o Brasil, possa causar para o desenvolvimento psicológico e cognitivo dos filhos. Diferente da maior parte dos maridos, que partem do posicionamento de que os filhos se adaptem rapidamente e facilmente num contexto novo.

#### 4.6 Os elos familiares na migração de “retorno” e o transnacionalismo

Apesar da estada desses imigrantes ter se prolongado indefinidamente, ainda assim muitos imigrantes continuam interpretando essa migração como temporária. Como planos futuros os informantes mencionam: abrir um pequeno negócio, comprar a casa própria, concluir os estudos/ fazer uma especialização, economizar para a aposentadoria, ou a oportunidade de poupar com outros fins. Ademais, alguns comentam dar também assistência financeira aos familiares que vivem no Brasil. Apesar de não ser um quadro mencionado por todos informantes, alguns revelam assistir financeiramente os pais, filhos ou irmãos no Brasil, após terem migrado para o Japão. Essa prática mostra como o transnacionalismo toma forma através dos vínculos materiais e imateriais, que expõem as fortes relações que eles mantêm com as pessoas no país de origem.

Sra. Kimi:

Os meus pais estão pedindo ajuda pra gente, mas o pior é que não é só eles, os meus sogros também...é difícil...poxa a gente veio pra cá para trabalhar para juntar algo pra gente, mas assim mal dá pra guardar algo no final do mês...mas, o que é que a gente vai fazer? Com a aposentadoria os meus pais não conseguem pagar todas contas de casa, porque senão não tem dinheiro pra fazer supermercado... eu já pedi para os meus irmãos ajudarem também, porque só a gente não dá.

Sra. Sachiko:

Eu ajudo de vez em quando os meus dois filhos que ficaram no Brasil, porque é .... a gente tem essa preocupação ....eles já são casados , tem filhos, mas a gente sabe que o salário deles as vezes não chega pra pagar as contas.

Em princípio esse tipo de prática não faz parte do propósito inicial pelo qual os migrantes partiram para o Japão, apesar de ter entrado em contato com dois casos de homens casados que migraram especificamente para poder sustentar a esposa e os filhos que permaneceram no Brasil. A motivação financeira representa nesses casos a alternativa viável para se recuperar o padrão econômico da família que fica no Brasil. Como a remuneração salarial em comparação com o Brasil é maior no Japão, mesmo num momento em que a economia japonesa mostra sinais de grandes turbulências, ambos indivíduos prolongaram o prazo inicial estipulado para poder “...juntar um pouco mais” ao lado das remessas mensais, antes de se reunirem novamente no Brasil.

#### 4.6.1 O quadro instável de famílias transnacionais

O que chama a atenção sobre esses casos é a percepção negativa das próprias famílias nipo-brasileiras sobre os imigrantes que migram desacompanhados, deixando a família no Brasil, dado que eles conhecem exemplos de imigrantes que passaram com o decorrer do tempo a constituir famílias novas no Japão. Esses casos são constatados durante o trabalho de campo, através dos relatos das pessoas que lidam especificamente com os imigrantes nipo-brasileiros no Japão. Tais situações são visíveis também no jornal *International Press*, que atende essa comunidade étnica no Japão. Assim, lê-se que parentes, filhos, esposas, no Brasil, procuram buscar o paradeiro do imigrante no Japão, que após um período de tempo, deixou de dar notícias para a família no Brasil.

No trabalho empírico constata-se um caso, ao entrevistar um senhor na pesquisa quantitativa. A reação de desconfiança desse senhor, com relação ao propósito da pesquisa, tornou-se clara, quando pediu o máximo de informações sobre a minha identidade e o meu papel de pesquisadora, hesitante, principalmente por ser estrangeira e falar português fluentemente. Apesar de surpreso com o meu pedido, o informante decidiu participar, após ter conferido nos meus documentos ser da Holanda. O seu comportamento tornou-se lógico e compreensível, quando inconscientemente ou não, comenta no final da conversa e de ter preenchido a enquete, o fato de ser considerado como “desaparecido” no Brasil pela família. Sem fazer outras perguntas, entende-se que esse senhor tem uma companheira no Japão, proveniente das Filipinas, da qual estava acompanhado durante a entrevista.

Betão também ilustra esse cenário das famílias de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros no Japão, por ter-se tornado um fato, cada vez mais visível também através da mídia étnica.

Sr. Betão:

E ainda tem àqueles que constituem famílias aqui em lá no Brasil. Lá no Brasil eles não têm emprego e vem pra cá para um serviço que não necessita de um diploma e daí desaparecem... e de vez em quando saí no jornal do *International Press* que a família está à procura do familiar aqui no Japão... o negócio é complicado.

Compreende-se que a motivação inicial nessas famílias desaparece, mostrando a incidência de um novo quadro social. Alguns informantes dos estudos de casos mencionam não pretenderem ir para o Brasil com os filhos, sem os companheiros, por conhecerem casos

simultâneos, uma vez que a solidão no Japão é vista como um grande problema para a manutenção da família que fica no Brasil.

#### **4.6.2 Atividades transnacionais**

Dentro do fenômeno da migração de “retorno” dos nipo-brasileiros para o Japão, constata-se também a influência que o país de origem continua tendo na vida cotidiana dos imigrantes. De acordo com a literatura abordada, denomina-se essas atividades como práticas transnacionais.

Na prática observa-se que as atividades transnacionais, apesar de constituírem uma parte da vida desses imigrantes, não são exercidas da mesma forma por homens e mulheres dentro da estrutura familiar, assim como são diferentes nas famílias dos estudos de casos. Nesse sentido, mesmo dentro de um grupo étnico irá se apresentar diferenças, seja em atitudes, ou em valores culturais (Eriksen, 1993: 143). Isso implica dizer que não se pode categorizar esse fluxo migratório como sendo um grupo homogêneo, no seu total.

Apesar das diferenças dos papéis dos gêneros, observa-se que uma atividade transnacional constatada em todas as famílias dos estudos de casos, são as remessas bancárias para o Brasil.

Além disso, nota-se que as contas de caderneta de poupança são num banco brasileiro, e não num banco japonês. Mesmo que não exista uma comunidade étnica nessa área, com escolas brasileiras e instituições brasileiras, constata-se, sem exceção que as famílias nipo-brasileiras mencionam ter uma conta bancária no Banco do Brasil situado em Tóquio. Apesar da existência de outros bancos brasileiros na área de Tóquio e redondezas, neste estudo esse foi o único banco citado pelos informantes.

A motivação por trás dessa escolha se reflete no fato de o Banco do Brasil ser o maior banco brasileiro, assim como o mais conhecido por esses imigrantes. Essa imagem propicia uma ideia de segurança de que o dinheiro se encontra num banco estável por ser uma instituição estatal do governo nacional brasileiro.

Uma outra prática especificada nas entrevistas, especialmente entre os imigrantes que planejam o regresso, é a compra de imóveis no Brasil. Uma das famílias do estudo de caso explica investir na compra de diferentes imóveis como fonte de renda para quando regressarem ao Brasil. Dessa forma, essa família passa a prolongar conscientemente a permanência no Japão por mais de quinze anos para que possam atingir esse objetivo. Esse caso, porém, é uma exceção ao se comparar com as atitudes com relação à compra de imóveis

dos outros imigrantes. Entende-se que outros imigrantes, que planejam o regresso, se limitam ao investimento imobiliário da própria casa ou apartamento no Brasil quando retornarem definitivamente.

Outro aspecto apontado é a preocupação com o futuro incerto, e a falta de renda ao se aposentarem. Imigrantes tentam se assegurar do futuro quando se aposentarem, mesmo que esses planos estejam bem distantes e, que o regresso ainda não tenha sido definido, através de uma quantia que eles separam do salário para juntar para a aposentadoria. Dessa forma nota-se o valor agregado as instituições nacionais, que operam de forma transnacional na vida dos imigrantes.

Constata-se assim, que embora haja diferenças nos objetivos, na quantidade e na frequência nas emissões de remessas de dinheiro para o Brasil, que essa é uma prática comum entre as famílias de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros.

Naturalmente, as práticas transnacionais refletem dentro do fenômeno migratório um contexto muito mais amplo e dinâmico no mundo atual. Como ilustra o informante no fragmento seguinte:

Sr. Betão:

Quando eu vim para cá nos anos 80...pela primeira vez fazer um estágio, não tinha todas essas regalias dos meios de comunicação, da comida, que tem hoje em dia...agora é diferente...houve uma mudança muito grande aqui no Japão.

Hoje em dia os brasileiros ficam aqui dez a quinze anos, enquanto antes eles ficavam dois a cinco anos. Isso que esse pessoal continua trabalhando pesado por todos esses anos. Eles trabalham de dez à doze horas por dia ... a vida passa e esse pessoal só junta ...pensando na volta e fica juntando e fazendo remessa para o Brasil ou coloca ... na poupança...a grande maioria nem fala a língua japonesa, mas assim como eles têm aqui também muito peruano, chinês e coreano fazendo esse tipo de trabalho pesado e por isso... o *dekasegi* aqui passa a procurar as lojas brasileiras...as lojas de produtos brasileiros aqui no Japão, elas vendem os produtos baratos, porque os brasileiros não querem gastar... Aqui é assim. ...Já tem aquele grupo que está sensibilizado e que começa a comprar imóveis, e que pensa em ficar, mas é um grupo pequeno, que consegue isso... O que levou às pessoas a mudarem foi também o contexto, já que o telefone ficou mais barato, tem a internet, todo santo brasileiro tem acesso, se quiser então, a vida ficou mais agradável aqui para eles, mesmo não falando o japonês.

Como se constata nessa entrevista a vida dos imigrantes passa a ser facilitada pela concentração de inúmeros empreendedores nipo-brasileiros e brasileiros, que exercem um papel transnacional no comércio de produtos brasileiros do Brasil para o Japão.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação nota-se que o contato social entre os familiares separados pela distância geográfica dos dois países foi facilitado pela internet. Os familiares mantêm mais facilmente contato com os outros que permanecem no Brasil, através

do *Skype* e do correio eletrônico, que passam a ser utilizados frequentemente por serem meios de comunicação mais baratos do que o telefone. Dessa forma, esses imigrantes passam a compartilhar as histórias da vida cotidiana com os familiares no Brasil, mesmo que morem no Japão, tornando a vida mais agradável e suportável.

Embora as práticas transnacionais no âmbito político sejam menos mencionadas, nota-se, principalmente entre os imigrantes que visam a permanência temporária no Japão, a preocupação em torno das eleições presidenciais de 2002 e 2006 no Brasil. Essa preocupação não é geral entre os imigrantes, sobretudo para os imigrantes que passam a construir o futuro no Japão.

Sr. Tetsuji:

No início a gente se preocupava em votar, mas com o tempo você deixa de seguir a política no Brasil, uhm..nem sabe mas quem é quem, com exceção do Lula né, que está ali oh..há um tempão,... mas os outros não dizem mais nada para gente que não vai para o Brasil mais, mas pra quem quer voltar é melhor estar em dia, porque se não a multa é de lascar!!...Outra coisa é que a gente tem que ir lá pra Tóquio ou pra Mitsukaido pra votar sabe, daí não dá nem vontade... de ter que ir...porque leva tempo nessa história, ...você tem que ir primeiro pra lá ...que já não é perto, daí fica naquela fila....e perde o dia quase nessa história, como se a gente tivesse muito tempo livre.

A preocupação e a prática de se estar em dia com as votações brasileiras não é geral entre os nipo-brasileiros e brasileiros. Nesse sentido, compreende-se que no âmbito político que essa atividade transnacional é mais restrita, apesar de ser compulsória para os cidadãos brasileiros, independentemente de se encontrarem no Brasil ou no exterior.

#### **4.6.2.1 A mídia**

Como meios de comunicação social no Japão citam-se as revistas, os jornais e as emissoras de televisão, assim como as informações digitais através de CDs, fitas de vídeos, e o considerável aumento do uso da internet.

O valor da televisão em torno desse grupo étnico se nota através do interesse pela transmissão de alguns programas da TV Globo, que são transmitidos pela *IPC TV* no Japão. Como programas populares entre os nipo-brasileiros e brasileiros, nota-se: o *Jornal Nacional*, o *Globo Repórter*, o *Fantástico*, programas culinários, assim como as três novelas da noite e uma novela da tarde, que é a repetição de uma novela antiga no “Vale a Pena Ver de Novo”. Os imigrantes que não possuem o canal da *IPC TV* também conseguem seguir esses programas, que são copiados em fitas de vídeo e alugados nos pontos comerciais das lojas

brasileiras. Mesmo numa cidade com uma concentração menor de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros do que as áreas abasileiradas, consegue-se acompanhar facilmente esses tipos programas. Os dois pontos comerciais, apesar de serem pequenos possuem esses tipos de fitas de vídeo para atender o público que não tem o canal da *IPC TV* em casa.

O valor da mídia como meio de comunicação transnacional dá-se também por operar especificamente como um meio de informação as necessidades desse grupo étnico no Japão. Um caso similar constata-se também na mídia étnica em Portugal, que é vista como um instrumento fundamental a fim de se amenizar as tensões, que os imigrantes enfrentam na sociedade receptora (Salim, 2008: 8).

No Japão, as notícias que os imigrantes nipo-brasileiros têm acesso são selecionadas das notícias japonesas, ou seja, não se faz a tradução direta em português de todas as notícias diárias, apenas dos acontecimentos considerados importantes para a comunidade brasileira no país.

Ademais, são transmitidos programas, que proporcionam informações variadas, por exemplo, informações sobre os direitos dos trabalhadores que são terceirizados através das empreiteiras, o ensino e atividades culturais ligadas ao Brasil, que ocorrem nas comunidades brasileiras no Japão. Tipos de notícias exclusivas são por exemplo, a ocorrência de terremoto. Esse tipo de notícia é repetida várias vezes, informando simultaneamente a área e a magnitude de acordo com a escala Richter. Desse modo, a mídia intercede entre os japoneses e a comunidade étnica brasileira no Japão, assim como entre, os próprios imigrantes, principalmente, quando proporciona um determinado senso de realidade de que estão em conexão com os acontecimentos, do que é notícia no Japão, e dentro da comunidade brasileira. Por se assim dizer, a mídia étnica atua em virtude dos imigrantes, para que não se encontrem numa situação de “total” alienação no Japão, sobretudo os imigrantes que não falam ou entendem o idioma japonês.

Ademais, compreende-se através dos resultados da pesquisa conduzida por Ishi (2002: 169-199) que a mídia étnica brasileira no Japão atua como uma “mídia transnacional” e entidade neutra entre a sociedade dominante e os imigrantes. Diante dessa perspectiva entende-se que o papel da mídia étnica tem um papel importante na integração da comunidade nipo-brasileira dentro da sociedade dominante.

Naturalmente, ao se tratar de mídia, de forma generalizada, entende-se que ela possui um valor importante nas horas de distração dos imigrantes, sobretudo com relação às novelas



brasileiras. Um aspecto importante, dado que ela influencia na atualização do idioma português, das novas expressões ou gírias, da moda, e das questões contemporâneas da sociedade brasileira, que são refletidas nos temas das novelas, principalmente das 20:00 horas. Em outros termos, a mídia étnica funciona como um meio de comunicação transnacional, informando e atualizando esses imigrantes no Japão.

Similar aos resultados da mídia nipo-brasileira no Japão constata-se também nos resultados das pesquisas sobre as melhores práticas em torno da mídia étnica, conduzida em países da União Europeia, Reino Unido e Austrália, em que o foco da mídia tem sido em virtude da “integração” dos imigrantes. Isto significa dizer que, a mídia étnica se limita ou não fornece determinadas informações aos imigrantes recém-chegados. Como são por exemplo, as informações de como se conseguir a cidadania, e a que instituições devam recorrer ou que passos devam tomar, caso queiram fixar residência permanente no país (DiversiPro Inc., 2007: 5-7).

Com relação à pesquisa, pode-se afirmar, sem dúvida, que a evolução em torno da mídia étnica é notável no decorrer dos anos. Assim, em 2003, quando esse trabalho iniciou, as notícias sobre o Brasil eram seguidas pelos imigrantes principalmente, através do canal da *TV IPC* a cabo, ou através das fitas de vídeo. Em 2005 e 2010, nota-se como a internet tornou-se cada vez mais acessível e barata para esses imigrantes. Assim, não é raro ouvir dos informantes dos estudos de caso, que eles passaram a seguir as notícias do Brasil, assim como as novelas através da internet. Da mesma forma, nota-se como as notícias sobre a comunidade nipo-brasileira no Japão, tornaram-se cada vez mais acessíveis para a pesquisadora através do desenvolvimento da tecnologia em torno dos meios de comunicação.

De acordo com os relatos dos informantes, a função do jornal *International Press* como mídia étnica continua tendo um papel importante, por ser um meio de se encontrar trabalhos e de se obter informações gerais sobre a comunidade nipo-brasileira no Japão. Para esses informantes, o jornal é um meio acessível de comunicação por ser escrito em português. Como se abordou nos quadros anteriores, sem o conhecimento do *jōyō kanji* (1,945 caracteres), os imigrantes *nisei* ou *sansei*, não conseguem ler os jornais japoneses. Esse fato também é constatado nas  $N=140$  enquetes, e no quadro fixo dos participantes dos estudos de casos ( $N=30$ ), quando apenas duas pessoas mencionam conseguir ler o jornal escrito em japonês. A escrita é para esses imigrantes, o maior obstáculo no Japão. Nesse sentido, o jornal *International Press* tem uma função importante dentro da comunidade nipo-brasileira, como

meio de comunicação dos acontecimentos no Japão. Uma vez que, independentemente do nível de formação educacional no Brasil e mesmo no Japão desses imigrantes, entende-se que o conhecimento que eles possuem é suficiente para ler o jornal escrito em português. Um quadro totalmente contrário do que é se poder ler um jornal escrito em japonês. Assim, o papel do jornal continua sendo importante na comunidade nipo-brasileira, especialmente, como se nota aqui, entre os imigrantes que não possuem o conhecimento suficiente no idioma japonês. Ademais, o papel do jornal é importante para os filhos dos imigrantes, que não conseguiram acompanhar o ensino japonês e que falam o idioma português, ou mesmo que estudam nas escolas brasileiras no Japão. Para essa geração a função do jornal é essencial, uma vez que esse grupo também não consegue ler as notícias em japonês. Dessa forma, a função do jornal em informar a comunidade étnica permanece, por atender as necessidades de informações que emergem dentro da comunidade étnica brasileira no Japão.

#### **4.7 Reflexões finais**

Através dos relatos, nota-se que a orientação de muitos pais descendentes de japoneses ou mesmo japoneses é voltada para o aspecto étnico desse grupo, mesmo quando viviam no Brasil. Étnico representa para eles, o fato de terem a mesma origem ancestral como um grupo, possuindo assim o senso de que possuem determinadas normas e valores em comum. Dentro do contexto da unidade das famílias, compreende-se que predomina o casamento endógamo entre os nipo-brasileiros, apesar de se observar que não são raros os casamentos de nipo-brasileiros com japoneses natos e a união exógama.

De acordo com a análise, a escolha do tipo de ensino que se deve proporcionar para os filhos foi um dos fatores que passou a influenciá-los a repensar e definir os objetivos no Japão. Através dos dados dos pais que participam na pesquisa aponta-se quatro cenários em torno da educação dos filhos: o ensino na escola privada brasileira, o ensino na escola pública japonesa, a deserção, e o ensino numa escola brasileira no Brasil, que é diferente das outras três opções que são no Japão.

No caso do ensino da escola brasileira, constata-se que o seu custo é considerado proporcionalmente alto, nem sempre de fácil acesso e com a qualidade muitas vezes duvidosa. Os pais que optam pelo ensino brasileiro no Japão são sobretudo, os que visam a migração temporária no país, embora se constate que eles permaneçam no Japão, de forma geral por mais tempo do que tenham planejado inicialmente. Já, a escola japonesa é uma opção por ser

pública, perto e acessível dentro dos parâmetros das famílias, entretanto o ensino é em japonês. Apesar de os pais falarem o idioma português, e idealizarem esse conhecimento como sendo algo extra e uma vantagem para os filhos, nota-se na prática que a maior parte da segunda geração nessas famílias domina apenas o idioma japonês. Observa-se nesta pesquisa, que são poucos os filhos no ensino japonês que estão realmente propensos a aprender falar o português em casa. As exceções são as famílias que vieram com as crianças que tiveram a base escolar no Brasil e os casos em que o cônjuge não fala e entende o idioma japonês.

A segunda geração de imigrantes que fala melhor o idioma português são os que se encontram geralmente numa situação desfavorável. Essa desvantagem também se reflete nos problemas de aprendizado e de identidade, particularmente se estão no ensino japonês. A deserção é uma das probabilidades nos resultados dessa segunda geração de imigrantes, refletindo a desvantagem no conhecimento da língua e da cultura japonesa desses jovens. No caso da deserção da escola brasileira tem-se como motivação a qualidade fraca do ensino, os altos custos, e o fato de a crise em 2008 ter atingido muitas famílias nipo-brasileiras, que tiveram que tirar os filhos da escola por não conseguirem mais pagar as mensalidades escolares.

No caso da deserção nas escolas japonesas, compreende-se que os filhos de imigrantes, que apresentam maiores problemas são as crianças nipo-brasileiras, que imigraram, após terem feito a base educacional no sistema brasileiro. Por um lado, as dificuldades desses adolescentes mostram uma base fraca na língua japonesa, principalmente na escrita e leitura de caracteres. Essa falta de base na língua e cultura tem como resultado a perda de motivação desses imigrantes, os levando a desertar o ensino japonês. Por outro lado, constata-se, um cenário mais amplo e complexo, onde as expectativas dos pais não são compatíveis com a realidade dos filhos, por exemplo, ao pressuporem que os filhos tenham um bom desenvolvimento escolar por terem aprendido a falar o idioma japonês, o que não implica dizer que eles dominem a escrita e a leitura dos caracteres. Outro ponto é a percepção dos pais que presumem que ir à escola significa aprender. De maneira oposta, os filhos explicam que ir à escola não indica que consigam acompanhar as aulas, e que se vão ou não à escola para eles não faz muita diferença. Através dos casos dos estudantes desertores compreende-se que os pais presumiam que os filhos estivessem indo à escola, só pelo fato deles vestirem a farda do colégio e partirem no horário de sempre de casa, e por último, constata-se também que os pais pressupõem que os filhos tenham condições de aprender mais facilmente por serem jovens,

acrescentando que deveriam conseguir isso, visto que não achem que os filhos tenham outras preocupações, a não ser com os estudos.

Simultaneamente, nota-se o dilema dos pais, que não conseguem dar orientação para os filhos, mesmo entre os que falem bem o idioma japonês, visto que os pais não dominam a escrita e a leitura dos caracteres japoneses. Além disso, não possuem experiência nesse sistema educacional, não conseguindo assim dar à assistência necessária aos filhos. Ou seja, não é apenas o trabalho intensivo e o cansaço que dificultam os pais de ensinar os filhos, mas o próprio fato de não saberem como explicar ou ensinar o que os filhos não compreendem.

Pode-se dizer que os filhos dos nipo-brasileiros nascidos no Japão, ou que imigraram pequenos com os seus pais, passaram a ter através do ensino japonês, um contato intensivo com a sociedade japonesa. Esse contato favorece, na maior parte desses casos, o domínio do idioma japonês, assim como o conhecimento cultural do Japão, os quais vão mais além do conhecimento do idioma português e da cultura brasileira. A opção do ensino japonês significa para essas famílias que, os filhos irão cada vez mais se integrar às normas do padrão do sistema japonês. Tendo como consequência que, a escolha do ensino japonês dificulta o regresso para o Brasil, levando algumas famílias a prolongar a permanência ou em optar por se enraizar definitivamente no Japão.

Constata-se também que na maioria das famílias o idioma falado em casa com os filhos é o idioma japonês. Apenas em três famílias constatou-se que os filhos falam tanto o idioma japonês quanto o português. Apesar de os pais concluírem que deveriam ter persistido no ensino do idioma português em casa, refletindo assim o impacto que essa consequência tem caso precisem ou almejem regressar para o Brasil.

A quarta opção constatada são os casos das famílias, que optam pela educação dos filhos no Brasil junto dos familiares. Essa possibilidade assegura a família da educação dos filhos no ensino brasileiro, fortificando assim o sonho do regresso e da estada temporária dos pais no Japão.

Com relação aos pais, pode-se afirmar que apesar do choque do encontro étnico inicial, que mais da metade das famílias mostram uma atitude positiva perante a vida no Japão. Ao contrário dos outros resultados abordados nas pesquisas anteriores (Linger, 2001, Roth, 2002, Tsuda, 2003c, 2009). Essas diferenças podem ser atribuídas a conscientização e adaptação de alguns costumes da sociedade dominante e pelo fato de terem se acostumado com a vida no Japão.

Na pesquisa observa-se uma correlação na atitude positiva perante ao Japão com a melhora no padrão de vida. Essa mudança é percebida ao conseguirem trabalhos melhores, apesar de continuarem, com algumas exceções, realizando trabalhos de mão de obra não qualificada, porém com contratos fixos. Esse aspecto é fundamental para os imigrantes interessados em permanecer no Japão para que possam financiar o sonho da casa própria no Japão. Para outros, o contrato fixo oferece a percepção de estabilidade, de terem-se tornado menos vulneráveis em comparação com o período que trabalhavam pelas empreiteiras.

Por um lado, nota-se na pesquisa que os imigrantes que passam a compreender melhor a cultura japonesa procuram evitar publicamente de mostrar os elementos associados à cultura brasileira, a fim de não serem estigmatizados como *gaikokujin* (estrangeiros). Por outro lado, observa-se o comportamento oposto, entre os imigrantes que se decepcionam com a experiência do “retorno”, e que passam a depreciar a identidade japonesa. O resultado nesses casos dá-se na adoção da visibilidade dos elementos que caracterizam a identidade brasileira no Japão, apesar de serem nessa pesquisa exceções. Esse tipo de comportamento reflete reações de marginalização e alienação, por não serem aceitos pela sociedade dominante por se comportarem e pensarem diferente. Observa-se muitas vezes que esses nipo-brasileiros não compreendem ou não sabem lidar com as diferenças culturais. De fato, a reação dos japoneses perante esses imigrantes consanguíneos é de distanciamento. Tal experiência reflete o fato também de os japoneses não compreenderem, assim como os nipo-brasileiros, as diferenças nas normas e valores consideradas evidentes para ambos os grupos. Esse é também o grupo de imigrantes, que mostram a maior probabilidade de regresso ao Brasil, apesar de prolongarem a duração dessa experiência migratória por vários anos. Esses são também os imigrantes que buscam na mídia transnacional, instrumentos fundamentais de informação, apoio para que não se encontrem numa situação de alienação total no Japão, sobretudo, quando não dominam o idioma japonês, tornando a vida mais agradável no Japão.